



CAMINHOS DE BITITA DECIFRADOS PELA LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE



**Simone Aparecida Fonseca Alves
Daniel Valério Martins**

**Urutaí, GO
2025**



**Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Goiano – IF
Goiano, Campus Urutaí
Programa de Pós-Graduação em
Ensino para a Educação Básica –
PPGENEB**



CAMINHOS DE BITITA DECIFRADOS PELA LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE

**Simone Aparecida Fonseca Alves
Daniel Valério Martins**

**Produto Educacional apresentado ao
Instituto Federal Goiano – Campus
Urutaí, como requisito parcial do
Programa de Pós-Graduação em Ensino
para a Educação Básica para obtenção
do título de Mestre.**

Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte

Autora: Simone Aparecida Fonseca Alves

Orientador: Daniel Valério Martins

Capa e edição: Ruan Rocha Mesquita

Apresentação: Simone Aparecida Fonseca Alves

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema Integrado de Bibliotecas do
IF Goiano - SIBi

A474 Alves, Simone Aparecida Fonseca

Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa,
História e Arte / Simone Aparecida Fonseca Alves. Urutaí 2025.

133f. il.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Valério Martins.

Produto Educacional (Mestre) - Instituto Federal Goiano,
curso de 0133214 - Mestrado Profissional em Ensino para a
Educação Básica (Campus Urutaí).

1. Educação antirracista. 2. Lei 10.639/03. 3. Literatura afro-
brasileira. 4. Diário de Bitita (1986). 5. Carolina Maria de Jesus
(1914 - 1977). I. Título.

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução,
mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico,
reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO –
CAMPUS URUTAI

**Programa de Pós-
Graduação em Ensino
para a Educação Básica**

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO
EDUCACIONAL PELA BANCA DE DEFESA**

Instituto Federal Goiano – Campus Urutai – PPGEnEB

Discente: Simone Aparecida Fonseca Alves

Título da Dissertação: OS 20 ANOS DA LEI 10.639/03: UMA PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA ANTIRRACISTA EM UMA ESCOLA DE PIRES DO RIO – GO

Título do Produto: Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte

Orientador: Prof. Dr. Daniel Valério Martins

**FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO
EDUCACIONAL (PE)**

Complexidade - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional.	(X) O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese. (X) A metodologia apresenta-se clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE. (X) Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese. (X) Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.
--	---

***Mais de um item pode ser
marcado.**

Impacto – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou () Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática

aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	profissional do discente. (X) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional relacionado à prática profissional do discente.
Aplicabilidade – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.	() PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. (X) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o mestrado. () PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.
Acesso – relaciona-se à forma de acesso do PE.	() PE sem acesso. () PE com acesso via rede fechada. () PE com acesso público e gratuito.
	() PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. (X) PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito.
Aderência – compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.	() Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado. (X) Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.
Inovação – considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.	() PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito). (X) PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). () PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).

Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE:

O produto educacional elaborado a partir das teorias de leitura tem aplicabilidade em âmbito nacional, valendo-se de adaptações ao contexto de replicabilidade, contribui com o processo ensino e aprendizagem e proficiência leitora.

Prof. Dr. Daniel Valério Martins - Presidente
Prof. Dr. Ricardo Diógenes - Membro interno
Profª. Drª. Ana Carolina Fialho de Abreu - Membra externa

Urutaí-GO, 01 de julho de 2025.

Documento assinado eletronicamente por:

- Daniel Valério Martins, Daniel Valério Martins - Professor Avaliador de Banca - Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (10651417000259) , em 01/07/2025 12:22:01.
- Ricardo Diogenes Dias Silveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 01/07/2025 12:26:15.
- Ana Carolina Fialho de Abreu , Ana Carolina Fialho de Abreu - Professor Avaliador de Banca - Universidade do Estado da Bahia (14485841000140) , em 01/07/2025 13:23:37.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/07/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 721639
Código de Autenticação: befe9ffc9



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Título: Caminhos de Bitita Decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte

Autora: Simone Aparecida Fonseca Alves

Orientador: Daniel Valério Martins

Tipo do produto: Material didático em e-book

Subtipo do produto: Manual Pedagógico

Público-alvo: Professores da Educação Básica 8º e 9º anos

Vínculo do Produto Educacional: Dissertação de Mestrado Profissional – “Os 20 anos da Lei 10.639/03: uma proposta de implementação de uma educação literária antirracista em uma escola de Pires do Rio – GO

Programa de Ensino: Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica

Instituição de Ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí

Linha de pesquisa: Atuação docente e educação para a cidadania

Lócus de implementação do Produto Educacional: Centro de Ensino em Período Integral Martins Borges (CEPI Martins Borges)

Disponibilidade: irrestrita, preservando-se os direitos autorais e a proibição de uso comercial do produto

Divulgação: Em formato digital

Idioma: Português

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Ensino Fundamental II. Diário de Bitita.

SUMÁRIO

Apresentação.....	10
Para conhecer autora e obra: notas preliminares.....	13
Para contextualizar: a Lei 10.639/03 e sua importância em sala de aula	16
Desafios e avanços.....	16
Importância da Lei 10.639/03 em sala de aula	17
Importantes marcos sobre a luta antirracista e a Lei 10.639/03: linha cronológica	18
Você sabia?.....	18
Professores, conheçam Carolina Maria de Jesus: A voz que a história quase silenciou	20
Por que Carolina deve estar em nossas salas de aula?.....	20
O Diário de Bitita: uma história que precisa ser lida.....	21
Como trabalhar Carolina Maria de Jesus a favor da Lei 10.639/03, de forma interdisciplinar, em sala de aula?.....	22
Capítulos 1 a 6 – Síntese das histórias	23
Aulão para os professores de Língua Portuguesa, História e Arte – 1º bimestre.....	34
Sequência Didática Interdisciplinar 1: "Bitita e Suas Histórias" – 1º Bimestre.....	34
Estrutura do Aulão.....	35
Aula 1: Contextualizando o tema.....	35
Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística	37
Aula 3: Considerações finais sobre o aulão (1 hora).....	39
Sugestões de atividades contextualizadas direcionadas para as disciplinas dos professores envolvidos.....	40

Considerações finais	43
Capítulos 7 a 12 – Síntese das histórias	44
Aulão para os professores de Língua Portuguesa, História e Artes -	
2º Bimestre	60
Sequência didática interdisciplinar 2: "As Questões de Bitita –	
Reflexões e Sonhos"	60
Estrutura do Aulão	61
Aula 1: Contextualizando o tema	61
Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística	62
Aula 3: Jogral e reflexão coletiva	63
Sugestões de atividades contextualizadas direcionadas para as	
disciplinas dos professores envolvidos.....	67
Considerações finais	70
Capítulos 13 a 17 – Síntese das histórias	71
Aulão para os professores de Língua Portuguesa, História e Arte – 3º	
bimestre	86
Sequência didática interdisciplinar 3: "As Lutas e o Sonho de Bitita"	
– 3º Bimestre	86
Estrutura do Aulão	87
Aula 1: Contextualizando o tema	87
Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística	88
Aula 3: Reflexão e conclusões.....	89
Sugestão de atividades contextualizadas direcionadas para as	
disciplinas dos professores envolvidos.....	90
Considerações finais	93
Capítulos 18 a 22 - Síntese das histórias	95
Aulão para os professores de Língua Portuguesa, História e Arte – 4º	

bimestre.....	110
Sequência Didática Interdisciplinar 4: "As Lutas e Sonhos de Bitita"	
– 4º Bimestre.....	110
Estrutura do Aulão.....	111
Aula 1: Contextualizando o tema.....	111
Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística	112
Aula 3: reflexão coletiva e inclusão social.....	113
Aula 4: Conclusão e mensagem de esperança	114
Considerações finais.....	115
Culminância do Projeto “caminhos de Bitita decifrados pela	
Língua Portuguesa, História e Arte” durante a semana da	
Consciência Negra	116
Obras para auxiliar o professor em sala de aula na luta	
antirracista	119
Livros.....	119
Pequeno Manual Antirracista.....	119
O pacto da Branquitude	120
Como Ser um Educador Antirracista	121
Filmes e curta-metragem antirracistas.....	122
Mãos Talentosas – a história de Ben Carson.....	122
Estrelas Além do Tempo	123
Odô Pupa: lugar de resistência	124
Considerações Finais	125
Referências	128
Sobre a autora e o orientador	130



APRESENTAÇÃO

O combate ao racismo é uma tarefa urgente e contínua que exige comprometimento e reflexão crítica. No contexto educacional, a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira aos alunos da educação básica nas escolas públicas e privadas, serve como uma importante ferramenta para a transformação do ambiente escolar. A literatura, como campo de aprendizado e reflexão, desempenha um papel central nesse processo, possibilitando a construção de uma identidade mais inclusiva e empática. Dentro desse contexto, a obra literária *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, revela-se como uma obra potente para que professores da educação básica possam trabalhar questões raciais, sociais e culturais, por meio da narrativa sensível sob a ótica de uma criança negra e sua vivência em uma sociedade marcada pela desigualdade após o período abolicionista.

Este Produto Educacional foi elaborado com o intuito de oferecer aos professores de Língua Portuguesa, História e Arte, que atuam nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, quatro aulões — um para cada bimestre letivo — compostos por atividades lúdicas e educativas baseadas na obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. O objetivo é contribuir para a construção de uma base antirracista na escola, por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares. As atividades propostas buscam sensibilizar e engajar os alunos de maneira interdisciplinar e criativa, incentivando-os a refletir sobre questões como racismo, exclusão

social, desigualdade e a luta por direitos e dignidade do povo negro. Além disso, ao utilizar essa obra literária como base, o professor é convidado a explorar diferentes dimensões da história e da cultura afro-brasileira. Essa abordagem oferece um espaço valioso para que os educadores possam transmitir aos estudantes uma compreensão profunda das raízes históricas e sociais que sustentam o racismo e suas manifestações cotidianas.

Para **os professores de língua portuguesa**, a obra *Diário de Bitita* apresenta-se como uma rica fonte de análise textual, permitindo o trabalho com uma vasta gama de atividades, como a interpretação crítica do discurso — especialmente no que diz respeito às vozes silenciadas e marginalizadas —, o estudo de gêneros autobiográficos e a análise da variação linguística presente no texto. Além disso, possibilita reflexões sobre o uso da linguagem como forma de resistência e expressão identitária. Para **os professores de história**, a narrativa oferece uma oportunidade para refletir sobre o contexto histórico da época, o cenário político, a escravidão, a segregação e as condições de vida das populações negras no Brasil, além de permitir a conexão com o movimento negro e suas lutas por igualdade. Já para **os professores de arte**, a obra pode ser um ponto de partida para abordar a estética da cultura afro-brasileira e a importância da valorização da identidade negra nas produções artísticas, incentivando criações visuais que dialoguem com o legado de Carolina Maria de Jesus.

Além das atividades práticas, o material também traz sugestões de filmes e livros que ampliam a compreensão do tema, fornecendo subsídios para aprofundar a discussão sobre a questão

racial nas salas de aula. Obras como *Pacto da branquitude*, de Cida Bento, e filmes como *Mãos talentosas – a história de Bem Carson*, ajudam a contextualizar e enriquecer as reflexões sobre o racismo, a resistência e a valorização da cultura negra, de modo que esse tema não seja trabalhado apenas em datas específicas, como no dia da consciência negra, em 20 de novembro.

Este Produto Educacional intitulado *Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte* busca não apenas enriquecer o repertório dos professores, mas também proporcionar aos alunos uma formação significativa de respeito, empatia e reflexão crítica, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Simone Aparecida Fonseca Alves
Instituto Federal Goiano



PARA CONHECER AUTORA E OBRA: NOTAS PRELIMINARES

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora, poetisa e cronista brasileira que se destacou por retratar com profundidade e sensibilidade a vida marcada pela exclusão e injustiça que vivenciou nas periferias.

Nascida em Sacramento, Minas Gerais, Carolina teve pouca escolarização formal, mas sempre demonstrou grande interesse pela leitura e escrita. Migrou para São Paulo, onde viveu na favela do Canindé, sustentando-se como catadora de papel. Sua obra mais conhecida, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), alcançou repercussão internacional, tornando-se um marco da literatura marginal e um testemunho poderoso das condições de vida das populações periféricas.

Entre suas obras póstumas, destaca-se *Diário de Bitita*, publicado na França em 1982 e no Brasil em 1986. Essa obra traz memórias de sua infância e juventude, revelando sua percepção sobre o racismo estrutural, a pobreza e a exclusão social.

O livro mostra as dificuldades enfrentadas por Carolina desde a infância em uma sociedade marcada por desigualdades raciais e econômicas. Com uma narrativa autobiográfica e crítica, *Diário de Bitita* denuncia as injustiças sofridas pela população negra no Brasil e reflete sobre o papel da mulher negra na sociedade.

Este Manual Pedagógico foi organizado a partir dos escritos deixados por Carolina Maria de Jesus e editado na França antes de

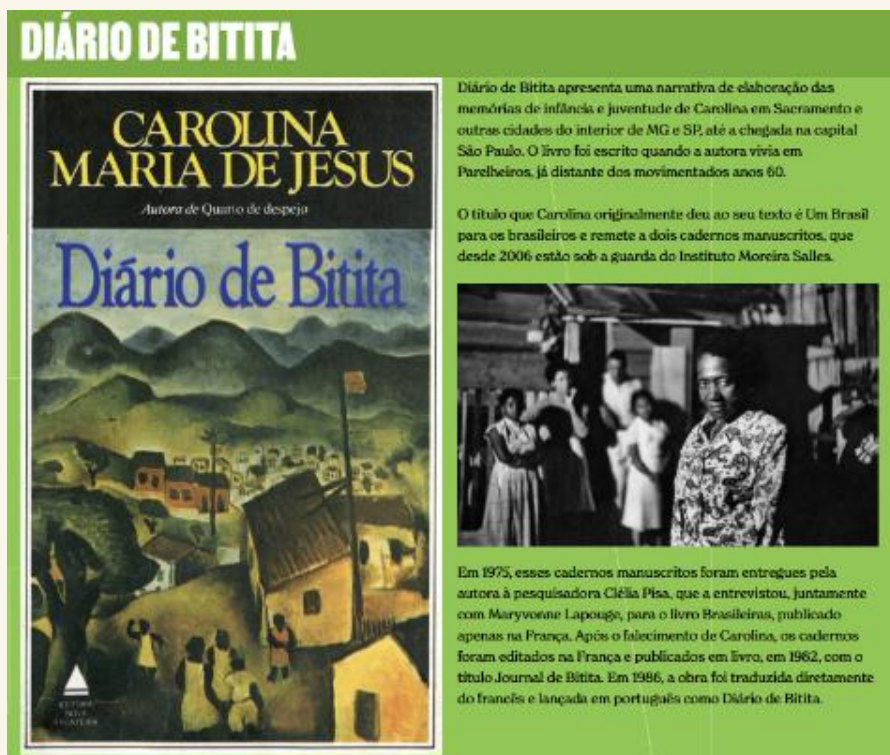
sua publicação no Brasil. O livro *Diário de Bitita* adota uma perspectiva memorialista, narrando sua trajetória desde a infância até a vida adulta em Sacramento (MG).

O livro é composto por 22 (vinte e dois) capítulos, nos quais Carolina aborda diversos aspectos de sua vida. A seguir, apresentamos uma lista desses temas:

- ♦ **A vida na roça** – Infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, destacando a precariedade e a dureza do trabalho infantil.
- ♦ **A escola** – Seu breve contato com a educação formal, que foi interrompido devido à necessidade de trabalhar.
- ♦ **Os preconceitos** – Reflexões sobre o racismo estrutural, a discriminação racial e social que enfrentou desde cedo.
- ♦ **A mudança para a cidade** – A transição do ambiente rural para o urbano, expondo novas dificuldades.
- ♦ **O trabalho doméstico** – O período em que trabalhou como empregada doméstica e a exploração que sofreu dos seus patrões.
- ♦ **A resistência feminina** – A luta das mulheres negras contra a opressão e a violência em uma sociedade patriarcalista.
- ♦ **A desigualdade racial** – Denúncias sobre o racismo institucionalizado na sociedade brasileira.
- ♦ **Sonhos e decepções** – Reflexões sobre suas aspirações e a dura realidade que enfrentou.
- ♦ **O racismo estrutural** – Carolina mostra como desde a infância sofreu discriminação racial e como a sociedade brasileira marginaliza a população negra.
- ♦ **A pobreza e a exclusão social** – Descreve a luta diária para sobreviver em condições de extrema miséria, tanto no campo quanto na cidade.
- ♦ **A exploração do trabalho infantil** – Relata como foi obrigada a trabalhar desde pequena, sem acesso adequado à educação.

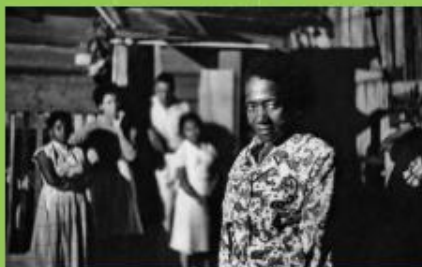
A escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por uma linguagem simples, direta e profundamente emotiva, segue sendo um importante instrumento para a compreensão das relações raciais no Brasil e uma referência essencial na literatura afro-brasileira.

Imagem 1 – Foto da capa do livro “Diário de Bitita”



Diário de Bitita apresenta uma narrativa de elaboração das memórias de infância e juventude de Carolina em Sacramento e outras cidades do interior de MG e SP, até a chegada na capital São Paulo. O livro foi escrito quando a autora vivia em Parelheiros, já distante dos movimentados anos 60.

O título que Carolina originalmente deu ao seu texto é *Um Brasil para os brasileiros* e remete a dois cadernos manuscritos, que desde 2006 estão sob a guarda do Instituto Moreira Salles.



Em 1975, esses cadernos manuscritos foram entregues pela autora à pesquisadora Clélia Pisa, que a entrevistou, juntamente com Maryvonne Lapouge, para o livro *Brasileiras*, publicado apenas na França. Após o falecimento de Carolina, os cadernos foram editados na França e publicados em livro, em 1982, com o título *Journal de Bitita*. Em 1996, a obra foi traduzida diretamente do francês e lançada em português como *Diário de Bitita*.

Fonte: Acervo Instituto Moraes Sales



PARA CONTEXTUALIZAR: A LEI 10.639/03 E SUA IMPORTÂNCIA EM SALA DE AULA

A Lei 10.639/03, sancionada em 9 de janeiro de 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de educação básica, tanto públicas quanto privadas. Essa lei tem como objetivo valorizar a contribuição da população negra na formação social, cultural e econômica do Brasil, promovendo uma educação antirracista e combatendo a discriminação racial no ambiente escolar.

A legislação determinou que os conteúdos referentes à história da África, à resistência negra, à luta contra a escravidão e à cultura afro-brasileira fossem incorporados aos currículos das escolas públicas e privadas de educação básica, com ênfase nas disciplinas de história, literatura e arte. Além disso, essa iniciativa foi complementada pela Lei 11.645/08, que ampliou a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena nas mesmas instituições.

DESAFIOS E AVANÇOS

Desde sua implementação, a Lei 10.639/03 trouxe avanços significativos na educação, como:

- ♦ Maior produção e inclusão de materiais didáticos sobre a cultura afro-brasileira;
- ♦ Formação de professores para abordar temas étnico-raciais

de maneira mais crítica e reflexiva;

- ◆ Surgimento de projetos pedagógicos e ações afirmativas voltadas à valorização da identidade negra.

No entanto, desafios persistem, como a falta de capacitação contínua dos docentes, resistência institucional à implementação da Lei 10.639/03 e a escassez de políticas públicas que garantam sua efetivação plena. Muitos professores ainda relatam dificuldades em encontrar suporte pedagógico e enfrentam limitações estruturais para trabalhar o tema de maneira aprofundada.

IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/03 EM SALA DE AULA

A aplicação da Lei 10.639/03 é essencial para:

- ◆ Combater o racismo desde a base escolar, promovendo o respeito à diversidade;
- ◆ Valorizar a identidade e a ancestralidade dos estudantes negros, fortalecendo sua autoestima;
- ◆ Construir uma educação mais democrática e plural, que reconheça e respeite a diversidade cultural brasileira;
- ◆ Descolonizar o ensino da história, indo além da perspectiva eurocêntrica e incluindo narrativas africanas e afro-brasileiras.

Após 22 anos, a Lei 10.639/03 continua sendo um marco na luta por uma educação mais igualitária e antirracista, exigindo compromisso das instituições de ensino, professores e gestores educacionais para sua real efetivação no cotidiano escolar.



IMPORTANTES MARCOS SOBRE A LUTA ANTIRRACISTA E A LEI 10.639/03: LINHA CRONOLÓGICA

1988

Promulgação da Constituição Federal

A Constituição reconhece o racismo como crime inafiançável e imprescritível, abrindo caminho para políticas de combate à discriminação racial.

1995

300 anos da morte de Zumbi dos Palmares e mobilizações do movimento negro

O movimento negro intensifica suas reivindicações por políticas de valorização da cultura afro-brasileira na educação.

2003

Sanção da Lei 10.639/03 (9 de janeiro)

A lei altera a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio.

2010

Criação de materiais didáticos e formação de professores

O Ministério da Educação (MEC) e diversas universidades promovem a criação de materiais didáticos e programas de formação para apoiar os professores na implementação da lei.

2008

Lei 11.645/08 amplia a obrigatoriedade para incluir a História e Cultura Indígena

A legislação passa a abranger também o ensino sobre os povos indígenas brasileiros.

2004

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprova diretrizes para orientar a implementação da lei nas escolas.

2014

Plano Nacional da Educação estabelece metas e prazos para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

Estabelece metas para a promoção da igualdade racial na educação, incluindo a implementação efetiva da Lei 10.639/03, com formação docente e materiais didáticos que valorizem a história e cultura afro-brasileira e africana.

Atualidade

Desafios na implementação

Muitas escolas ainda enfrentam dificuldades na aplicação da Lei 10.639/03, como a falta de formação específica para professores e a ausência de materiais didáticos adequados.

VOCÊ SABIA?

A seguir três pontos importantes sobre a Lei 10.639/03

Abrange toda a educação básica

A lei não se limita ao ensino médio e fundamental; suas diretrizes também devem ser aplicadas na educação infantil, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira desde os primeiros anos escolares.

Criação do feriado da consciência negra

O dia 20 de novembro tornou-se feriado nacional em 2023, com a sanção da Lei 14.759/2023, que foi promulgada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A data é celebrada como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Não prevê punições para o descumprimento

Apesar de ser obrigatória, a lei **não estabelece penalidades** para escolas que não a aplicam, o que contribui para a implementação desigual e, muitas vezes, negligenciada.



PROFESSORES, CONHEÇAM CAROLINA MARIA DE JESUS: A VOZ QUE A HISTÓRIA QUASE SILENCIOU

Imaginem uma mulher negra, pobre, catadora de papel, vivendo na periferia de São Paulo nos anos 1950. Agora, imaginem que essa mesma mulher, com uma educação formal limitada, transforma sua dor em palavras, suas dificuldades em literatura e sua resistência em história. Parece improvável? Pois bem, essa mulher existiu, escreveu e resiste até hoje nas páginas da literatura brasileira. Seu nome? **Carolina Maria de Jesus**.

POR QUE CAROLINA DEVE ESTAR EM NOSSAS SALAS DE AULA?

Para o professor de língua portuguesa: Carolina rompe com a norma culta e cria um estilo próprio, visceral e autêntico. Sua escrita desafia as convenções da literatura e questiona o que significa ser um autor no Brasil. Trabalhar sua obra é valorizar a linguagem popular, a oralidade e a potência da escrita como ferramenta de resistência.

Para o professor de história: A obra de Carolina é um documento histórico vivo. Seu diário não apenas narra sua vida, mas denuncia a fome, o racismo, a exclusão social e a desigualdade de gênero no Brasil do século XX. Estudá-la é compreender o país por uma perspectiva que os livros didáticos muitas vezes ignoram.

Para o professor de arte: Carolina não apenas escreveu,

mas pintou com palavras a miséria e a esperança. Seu olhar aguçado sobre a realidade pode ser explorado nas artes visuais, na música e no teatro. Suas descrições vibrantes da favela e suas denúncias sociais inspiram interpretações visuais e cênicas impactantes.

O DIÁRIO DE BITITA: UMA HISTÓRIA QUE PRECISA SER LIDA

Seu livro *Diário de Bitita* não é apenas um relato pessoal. É um grito. Um testemunho da luta de uma menina negra contra um sistema que insistia em apagá-la. Da roça à cidade, do trabalho infantil ao racismo diário, Bitita nos guia por um Brasil que preferimos esquecer – mas que ainda existe.

E agora, professor? Vamos permitir que Carolina seja apenas um nome a mais em um currículo? Ou vamos trazê-la para nossas aulas, permitindo que nossos alunos conheçam sua voz e sintam o peso e a beleza de sua escrita?

A literatura, a história e a arte nos dão o poder de revisitar o passado e ressignificar o presente. Carolina Maria de Jesus nos convida a fazer exatamente isso. Estão prontos para aceitá-la em suas aulas?



COMO TRABALHAR CAROLINA MARIA DE JESUS A FAVOR DA LEI 10.639/03, DE FORMA INTERDISCIPLINAR, EM SALA DE AULA?

Prezado professor, nesta seção, iremos demonstrar, como trabalhar a obra *Diário de Bitita*, de forma interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de língua portuguesa, história e arte, de forma a contemplar a Lei 10.639/03.

Para facilitar o seu trabalho e não tornar a leitura da obra chata e enfadonha para os alunos, optamos por apresentar, nesta sequência didática I, a síntese dos seis primeiros capítulos da obra supramencionada, numa única narrativa, que foi realizada pela autora deste Produto Educacional.

Em seguida, demonstramos o(s) objetivo(s) da(s) aula(s) e as atividades que realizarão com os alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, de modo a contemplar um trabalho interdisciplinar, antirracista, significativo e lúdico para os alunos.



CAPÍTULOS 1 A 6 – SÍNTESE DAS HISTÓRIAS

Esta primeira parte da narrativa é composta pelos seguintes capítulos: i) infância; ii) as madrinhas; iii) a festa; iv) ser pobre; v) um pouco de história e vi) os negros. Dito isso, vamos à contextualização dos fatos de cada capítulo.

Boa leitura!



Oi! Eu sou a Bitita e lhes apresento o capítulo intitulado Infância. Eu moro em um lugar chamado "O Patrimônio" e a vida aqui é bem difícil. Nossa casa é bem simples, feita de barro e com um telhado de capim que minha mãe Cota tem que pagar por ele. A água é um problemazão, tínhamos que andar muito para conseguir um pouquinho.

Minha mãe fala de meu pai, mas eu só sei que ele vem de um lugar chamado Araxá e que ama música, embora nunca o tenha visto. Às vezes, eu fico pensando sobre isso e faço muitas perguntas para minha mãe, que é bem quieta. Eu sou bem curiosa! As outras mulheres dizem que eu sou muito atrevida e sugerem que ela me bata, mas minha mãe me ama. Às vezes, ela me dá uns tapas quando eu peço aquelas comidas deliciosas que quase nunca posso comer, porque temos pouco dinheiro.

Eu fico pensando em muitas coisas, como o que é ser homem, porque eles parecem tão fortes e corajosos. Às vezes, sonho em ir a um baile e saber mais sobre amor, mesmo que eu não saiba bem o que é isso. Também fico pensando no meu avô, que comprou o terreno onde moramos. Ele foi um escravizado e quer que nós tenhamos um lugar seguro para morar.

Vivo fazendo perguntas e tentando entender o lugar onde estou. Eu quero descobrir o que posso ser quando crescer, mesmo que tudo pareça tão complicado. Outra coisa que eu amo é comer coisas gostosas, e mesmo com tudo isso, eu continuo sonhando e buscando pequenas alegrias na vida.

Agora este capítulo se intitula *As Madrinhas*. Nele quero contar sobre o dia em que fui crismada pela minha madrinha, a siá

Maruca. Todo mundo estava feliz e eu usei um vestido de chita lindo! A igreja estava cheia de pessoas olhando para mim, e eu me senti tão importante. Minha madrinha tinha uma situação financeira bem, bem, bem melhor do que a nossa, e isso me fazia pensar que éramos especiais.



Depois da crisma, eu passava muito tempo com minha madrinha. Nós comíamos juntas e éramos felizes com as pequenas coisas, como ao comer banana frita com canela que ela preparava. Eu adorava visitá-la logo de manhã, esperando que ela me recebesse bem. Mas depois de um tempo, as coisas mudaram. Minha madrinha

começou a ficar doente. Ela guardava dinheiro em segredo, porque sonhava em ter uma casa com alpendre, por isso economizava até na comida.

Quando ela morreu, meu padrinho Cassiano achou o dinheiro economizado e lembrou-se de como minha madrinha sempre viveu de forma simples, com muitos sonhos que não deu tempo de realizar. Isso me deixou pensativa, porque eu nunca percebi quanta luta havia atrás daquela alegria.

Muitas vezes, as pessoas tinham problemas que ninguém via. Depois da morte dela, o padrinho estava com uma menina que ajudava em casa, e agia igualzinha à minha madrinha Matilde. Com a desculpa de tratar dos porcos, elas buscavam no açougue a carne que seria desprezada e fazia comida gostosa com ela. Minha madrinha sempre sonhando em ter uma casa com varanda. Eu vi como meu padrinho não entendia o esforço dela e até ficou bravo, gritando que ela devia ser louca por juntar dinheiro e economizar na comida.

Pensei nas várias madrinhas que tive: uma branca, uma mulata e uma preta. Cada uma delas me ensinou algo diferente. Aprendi que, mesmo quando as pessoas fazem sacrifícios, muitas vezes não somos capazes de ver as lutas e sonhos que estão escondidos, e que a vida nem sempre é como parece.

Oi! Eu sou a Bitita e neste capítulo “A Festa” eu quero contar a vocês sobre o que vejo no mundo. Às vezes, tudo me parece tão confuso e triste. Eu fico pensando nas festas, como o Ano Novo e o Carnaval, e não entendo por que as pessoas se divertem tanto quando, na verdade, parece que nada muda e a miséria continua.

Uma vez, meu coração ficou apertado quando soube que tive uma irmã que nasceu morta. As pessoas que a viram ficavam tão enojadas que saíam vomitando. É uma coisa que me marca.

Maio é um mês de que eu gosto, porque os negros saem pedindo esmolas agitando uma bandeira com São Benedito. Mas fico muito indignada ao ver mulheres ricas dando esmolas e, em troca, pedindo mais, mesmo já tendo tanto.

Numa festa, vi o Américo, um homem branco, filho de rico, fazendo cruzeiros no chão para assustar os negros que dançavam. Ele e os amigos riam, e mais tarde, eu fiquei triste ao ver um artista cego tocando violão e sendo vaiado. O mundo dos adultos parece cheio de coisas ruins, como guerras, e às vezes eu fico com medo.



Tem horas que eu brinco com as crianças e conto histórias de princesas, mas ao ouvir os adultos, eu não entendo tudo e fico curiosa. Quando chega a festa de São João, eu escuto uma história de uma mulher que mandou decapitar um rei, e isso me deixa triste, porque

não entendo por que uma mulher faria algo tão horrível.

Os dias de festa são legais, tem comidas gostosas, mas quando estou com fome, o mundo parece tão feio. Uma vez,

perguntei para minha mãe por que tudo é assim, mas ela só olhou para mim triste e, quando insisti, acabei levando uns tapas. Isso me fez chorar muito.

Eu só quero entender o que acontece ao meu redor e por que tudo é tão complicado, cheio de dor e desigualdade. É difícil, e às vezes eu me sinto perdida nesse mundo.

Oi! Continuem a leitura. Este capítulo será emocionante! Ele se intitula “Ser Pobre” e vou contar-lhes sobre a minha vida. Minha mãe costuma me bater e, quando isso acontece, eu corro para a casa do meu avô, que é um lugar simples, feito de capim e sem muitas coisas. Na casa dele, eu me sinto um pouco mais segura. Ele me cuida e sempre tenta me proteger da minha mãe.

Meus dias são difíceis, porque eu vejo o quanto minha mãe, que se chama Cota, luta para alimentar a gente, e um dia ela foi presa injustamente. Foi muito triste ver meus irmãos chorando enquanto esperávamos por ela e pensava: “É só as pretas que vão presas.”. Eu também já chorei muito quando um menino chamado Humbertinho, que é filho do juiz, me roubou uma lima que eu havia ganhado. Ele sempre me maltrata e, quando eu o enfrentei, ele jogou limas em mim. Ele se acha melhor só porque é branco e rico.

Além de tudo isso, eu fico pensando na história dos negros, que foram escravizados por tanto tempo. Quando rezo com meu avô materno Benedito José da Silva, fico horrorizada ao imaginar a dor que Cristo sentiu e como muitos negros também sofreram.

Na cidade, as pessoas más abusam da gente, e eu vejo tantas mães que trabalham até tarde sem descanso para sustentar os filhos. Elas não têm tempo nem para cuidar de suas próprias casas. O que

sobra da comida que elas fazem na casa do patrão, elas levam para seus filhos. Uma vez eu ajudei um senhor cego, porque vi que outras crianças estavam roubando o dinheiro que ele pedia.

Mesmo com tudo isso, eu tenho esperança de que as coisas possam melhorar um dia. Eu quero que todos os negros possam ter educação e serem respeitados, como Rui Barbosa disse. Ele e a Princesa Isabel são nossos heróis, e eu sonho que um dia a nossa realidade mude, e que a gente possa viver em paz e com dignidade.



Olá! Neste capítulo “Um Pouco de História” eu vou contar sobre como era a vida em 1924. Foi um ano muito confuso e

diferente. Teve uma revolta do general Isidoro Dias Lopes, mas ninguém sabia bem por que estava acontecendo. As pessoas estavam falando sobre uma campanha chamada "Doe ouro para o bem do Brasil". Eu vi pessoas dando suas alianças de ouro e recebendo alianças de chumbo e cobre em troca. Era por prestígio! Mas mesmo com quase noventa quilos de ouro arrecadados, as pessoas continuavam sem aprender a ler e a escrever.

O presidente Artur Bernardes dizia que queria ajudar, mas muitos estavam com medo de roubo e desespero. Algumas crianças negras, que estavam começando a ir à escola, eram maltratadas porque eram negras. Quando voltavam para casa, algumas choravam porque os meninos brancos diziam coisas muito feias sobre elas. Os professores não ajudavam, e as alunas negras se sentiam pequenas e desanimadas.

Entre algumas pessoas negras importantes que eu conheci estavam o doutor Azevedo Costa, que era médico, e o Patrício Teixeira, um cantor. E o senhor Manoel Nogueira, **um mulato**, que lia jornais e contava histórias legais para todos. Os italianos chegaram e trouxeram algumas mudanças, como empregos nas fazendas, mas a vida ainda era difícil para os negros. Eles eram tratados como se fossem inferiores e tinham que viver em lugares bem ruins.

A esperança de um futuro melhor era um sonho que todos tinham. O presidente Artur Bernardes tentou distribuir uniformes e livros para as crianças pobres, e isso fez algumas delas se sentirem mais felizes. Mas, mesmo assim, a vida ainda era muito dura. Os negros enfrentavam muito preconceito e eram sempre os que mais

sofriam.

Muitas vezes, quando um negro era preso, era só porque estava ali no lugar e hora errados, enquanto os brancos faziam tudo e não eram punidos. Para mim, tudo isso era muito injusto e triste. Eu só queria um mundo onde todos pudessem ser tratados iguais, sem medo e com muito respeito.



Chegamos ao último capítulo desta síntese e ele se intitula “Os Negros”. Lembro-me de que eu adorava me vestir com o vestido da minha mãe, amarrar um barbante na cintura e pular o muro da vizinha para brincar. Eu subia nas árvores e colhia frutas, mas cada

vez que fazia isso, uma vozinha dentro de mim dizia que eu não deveria estar fazendo aquilo. Eu não queria roubar, queria ser honesta. Às vezes, parecia que alguém me sussurrava: “seja honesta”.

Um dia, ao tentar pegar uma manga, uma cobra apareceu e eu caí, me machucando. Dona Faustina me encontrou cheia de mangas e me chamou de ladra. Eu fiquei com medo quando ela me olhou, e tudo o que consegui pensar foi que a África era a mãe dos pretos, que tinha chorado por não ter seus filhos. No fim, minha mãe me deu uma surra porque eu tinha invadido o quintal da vizinha e porque havia rasgado seu vestido.

Depois disso, passei a notar que os brancos tinham mais sorte, sempre vivendo melhor do que os negros, que tinham vidas difíceis. Meu avô Benedito, por exemplo, com setenta e três anos, trabalhava duramente. Os brancos riam de nós e não se preocupavam com nossos problemas. Minha bisavó dizia que os brancos agora atiravam para assustar, mas antigamente matavam impiedosamente.

Eu via os negros dizendo que eram livres, mas perguntava: "que liberdade é essa, se eles têm que correr dos policiais?". Ouvia coisas de que não gostava e via os homens fazendo coisas feias, por isso contava à minha mãe. Quando o tempo estava seco, as mulheres rezavam e pediam chuvas.

Havia muitas histórias sobre o passado e meu avô falava sobre a escravidão e um homem corajoso chamado Zumbi. Ele dizia que mesmo com a liberdade, os brancos tinham medo dos negros. E também havia um monte de debates sobre os negros e de como

eram tratados mal, fazendo com que eles se sentissem menos.

Eu não entendia por que os brancos criavam tanta briga e achava que o mundo deveria ser diferente. Ficava pensando no quão enorme era o mundo, que deveria ter espaço para todos. Meu avô dizia que quem briga é como os animais que não pensam. Eu pensava que, para viver, era preciso ter muita paciência.

Um dia, meu tio Joaquim se envolveu em uma briga e acabou machucando um menino branco que faleceu. Todos se juntaram para reclamar, chamando os negros de selvagens. Ouvia os brancos dizendo que os negros eram perigosos, mas no fundo sabia que éramos apenas diferentes. E assim, eu, Bitita, sonhava com um mundo onde a cor da pele não importasse, um lugar onde todos vivessem juntos em paz.



“— Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda. Negro não presta.

Respondi:

— Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África.

Ela olhou-me com nojo.

—Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês... Eu não gosto de macacos” (Jesus, 1986, p. 55).

AULÃO PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE – 1º BIMESTRE

Professor, antes de iniciar a aula, mostre aos alunos quem foi Carolina Maria de Jesus, por meio do vídeo de Tom Farias, que conta a sua biografia.

Quem foi Carolina Maria de Jesus?

https://www.youtube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU

Sequência Didática Interdisciplinar 1: "Bitita e Suas Histórias" – 1º Bimestre

- ❖ **Público-Alvo:** Alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
- ❖ **Disciplinas Envolvidas:** Língua Portuguesa, História e Arte
- ❖ **Duração:** 3 aulas (aproximadamente 5h horas no total)

Objetivos gerais:

- ♦ Promover a reflexão crítica sobre questões sociais, políticas, desigualdades e identidades.
- ♦ Fomentar a criatividade dos alunos por meio da produção textual e artística.
- ♦ Desenvolver as habilidades de expressão oral e escrita.

Materiais necessários para as aulas:

- ♦ Microfone.
- ♦ Papel sulfite pautado, canetas, lápis e borracha;
- ♦ Projetor e/ou tela conectada à internet (Datashow ou lousa)

interativa) para exibição da síntese dos capítulos ou trechos da síntese impressos para cada aluno;

- ♦ Materiais para a criação dos cartazes (papel cartolina ou pardo, folhas sulfites, canetões, canetinhas, régua, tesouras).

Métodos de avaliação:

- ♦ Avaliação contínua das interações e participações durante as discussões em grupo.
- ♦ Avaliação das cartas e cartazes com foco na profundidade das ideias e na criatividade.

ESTRUTURA DO AULÃO

Aula 1: Contextualizando o tema

- ✓ Síntese dos capítulos 1 a 6.
- ✓ Contextualização dos 6 primeiros capítulos e produção textual.

1. Introdução ao tema (30 min)

- ♦ Leitura da síntese dos capítulos 1 a 6;
- ♦ Releitura dramática do trecho "Infância" feita pelos professores participantes.
- ♦ Discussão em grupo sobre as emoções e realidades apresentadas na vida de Bitita.

Questões para reflexão:

- ◆ Quais são os desafios que Bitita enfrentou?
- ◆ Como a infância dela reflete a realidade de crianças pobres e negras de hoje?

2. Oficina de escrita criativa (30 min)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de língua portuguesa e apoio dos professores de história e arte: os alunos, divididos em grupos, escrevem cartas como se fossem a protagonista Bitita, abordando seus sonhos, medos e reflexões sobre a vida.
- ◆ Conversar com os alunos sobre temas como expectativas, curiosidades e preconceito abordados na obra.
- ◆ Objetivo: desenvolver a empatia pela injustiça racial e social e a escrita criativa.

3. Apresentação das cartas (30 min)

- ◆ Um representante de cada grupo lê sua carta em voz alta.
- ◆ Os alunos comentam sobre as diferentes perspectivas apresentadas.

4. Reflexão sobre a família e comunidade (30 min)

- ◆ Rer o trecho “As madrinhas”.
- ◆ Atividade sob coordenação do professor de arte e apoio dos professores de língua portuguesa e história.
- ◆ Discussão sobre as madrinhas mencionadas e suas influências na vida de Bitita.

Perguntas orientadoras aos professores:

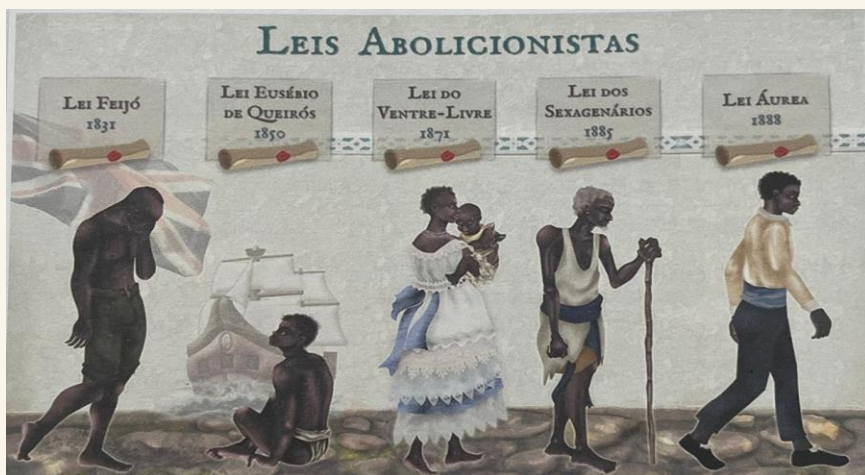
- Qual a importância da figura da madrinha na cultura e na vida de uma criança?
- Quais valores Bitita aprendeu com suas madrinhas?

Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística

1. Contextualização histórica (30 min)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de história e apoio dos professores de língua portuguesa e arte.
- ◆ Apresentação interativa: professor de história fala sobre o Brasil nos anos 1920, a condição dos negros e as revoltas da época.
- ◆ Realizar um mapa mental em grupo sobre os temas discutidos, como:
 - Revolta Paulista de 1924. (Assistir: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolta-paulista-de-1924.htm>).
 - A vida dos negros após a escravidão.
 - Assistir ao vídeo “Como ficou a vida de ex-escravizados após a Lei Áurea?” (Assistir <https://www.youtube.com/watch?v=uq84KQAqV2Y>)
 - O papel da educação e a questão racial.
 - Apresentar em tela (Datashow e/ou lousa interativa) e discorrer sobre as leis abolicionistas brasileiras em uma linha do tempo.

Imagem 2 - Infográfico sobre as Leis Abolicionistas no Brasil



Fonte: Elina Hirano. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/elinah/10824350944/>. Acesso em 16 jun. 2025.

As figuras humanas, representando ex-escravizados, identificam os indivíduos beneficiados pelas leis apresentadas na linha do tempo.

Lei Feijó (1831): por pressão da Coroa Britânica, proibiu-se a importação de africanos escravizados no Brasil;

Lei Eusébio de Queirós (1850): declarava livres os africanos desembarcados em portos brasileiros desde aquele ano;

Lei do Ventre Livre (1871): declarava livres, a partir daquela data, as crianças nascidas de mães escravizadas;

Lei do Sexagenário (1885): previa liberdade aos escravizados de 60 anos ou mais.

Lei Áurea (1888): extinguiu a escravidão no Brasil.

Assistir ao vídeo que conta didaticamente sobre como essas

leis contribuíram para a abolição da escravatura no Brasil:

<https://www.youtube.com/watch?v=mj1yjc6xfJY>

Pergunta que não quer se calar: será mesmo que a princesa Isabel foi uma heroína para os ex-escravizados? Para tentar responder a essa indagação, assistir ao vídeo que narra sobre *O mito da Princesa Isabel: as causas defendidas pela monarca* | *Consciência Negra*

<https://www.youtube.com/watch?v=wnuHehiS03o>

2. Expressão artística: criação de cartazes (1 hora)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de arte e apoio dos professores de língua portuguesa e história: os alunos, em grupos, criarão um cartaz que represente suas reflexões sobre o que aprenderam sobre Bitita e sua vida.
- ◆ Materiais: Papel pardo ou cartolina, imagens simbólicas produzidas pelos alunos e frases inspiradoras.
- ◆ Objetivo: Promover a expressão artística e a colaboração dos alunos.

3. Apresentação dos cartazes (30 min)

- ◆ Cada grupo apresenta seu cartaz, explicando os desenhos e ideias apreendidas.
- ◆ Reflexão sobre o que foi aprendido com a atividade e como cada cartaz se conecta com a história de Bitita.

Aula 3: Considerações finais sobre o aulão (1 hora)

- ♦ Realização de um círculo de diálogo, no qual os alunos partilham suas aprendizagens.
- ♦ Discussão sobre como cada um pode aplicar as lições antirracistas aprendidas no cotidiano, pensando em ações para promover a igualdade e a justiça social.

Sugestão de perguntas para refletir e discutir em uma roda de conversa

- ♦ Como podemos, na nossa vida diária, trazer um pouco do sonho de Bitita por um mundo mais justo?
- ♦ Que ações podemos realizar para ajudar aqueles que estão em situações semelhantes?

Sugestões de atividades contextualizadas direcionadas para as disciplinas dos professores envolvidos

Questão para o professor de língua portuguesa:

Analizando o texto, a protagonista Bitita utiliza alguns recursos linguísticos para expressar suas emoções e reflexões sobre a vida. Qual dos seguintes trechos exemplifica o uso de metáfora?

- A) "Sonho em ir a um baile e saber mais sobre amor."
- B) "A água é um problemazão."
- C) "Eu só quero entender o que acontece ao meu redor."
- D) "A África era a mãe dos pretos, que tinha chorado por não ter seus filhos."
- E) "Meus dias são difíceis, porque eu vejo o quanto minha mãe, que se chama Cota, luta para alimentar a gente."

Resposta correta: D) "A África era a mãe dos pretos, que tinha chorado por não ter seus filhos."

Este trecho é uma metáfora, pois atribui à África a figura de uma mãe que chora, simbolizando a dor e a perda dos filhos que foram escravizados e afastados de sua terra natal.

Questão para o professor de história:

Após a abolição da escravidão no Brasil, quais foram os principais desafios enfrentados pelos ex-escravizados e suas famílias na construção de uma nova vida em sociedade?

A) Acesso à educação e ao mercado de trabalho, enfrentando discriminação e pobreza extrema.

B) Instalação de grandes fazendas de café que contratavam trabalhadores livres em condições adequadas.

C) A formação de uma sociedade igualitária de fato, onde todas as raças tinham os mesmos direitos e deveres.

D) O acolhimento em comunidades pela elite branca, que ofereceu empregos e proteção.

E) A promulgação da Lei Áurea, que estabeleceu os direitos dos ex-escravizados, garantindo suas propriedades e heranças.

Resposta correta: A) Acesso à educação e ao mercado de trabalho, enfrentando discriminação e pobreza extrema.

Os ex-escravizados, ao serem libertados, enfrentaram grandes desafios, como a falta de educação e oportunidades de trabalho, além de um ambiente cheio de discriminação racial e

desigualdade social.

Questão para o professor de arte:

A experiência da personagem Bitita e as diversas referências culturais mencionadas em seu relato refletem aspectos importantes da arte e da representação negra no Brasil pós-abolição. Qual das alternativas melhor exemplifica como a arte pode ser utilizada para retratar e reivindicar a história e vivências da população negra no contexto social e econômico descrito?

A) Pinturas e esculturas que retratam a riqueza e os costumes da alta sociedade brasileira.

B) Danças e músicas folclóricas que celebram a herança africana, promovendo a cultura e a identidade negra.

C) Obras de arte que se concentram apenas na esplendorosa história dos europeus que colonizaram o Brasil.

D) Livros que falam sobre os direitos das mulheres brancas e suas lutas sociais.

E) Exposições de arte que ignoram a realidade da pobreza e da desigualdade racial existente.

Resposta correta: B) Danças e músicas folclóricas que celebram a herança africana, promovendo a cultura e a identidade negra.

A arte é um meio poderoso de expressar e reivindicar a identidade cultural e as lutas da população negra. Através da música e da dança, as tradições africanas são preservadas e celebradas, ajudando a construir um senso de pertencimento e resistência diante

Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte
das adversidades enfrentadas, como mencionado no relato de Bitita.

Considerações finais

Esta sequência didática oferece uma experiência rica e multidimensional para os alunos, envolvendo-os não apenas no aprendizado teórico, mas também na prática criativa e crítica sobre a vida de Bitita e suas reflexões sociais.



CAPÍTULOS 7 A 12 – SÍNTESE DAS HISTÓRIAS

A segunda sequência didática será elaborada a partir dos resumos de mais seis capítulos: i. A família, ii. A cidade, iii. Meu genro, iv. A morte do avô, v. Escola e vi. A fazenda.

Boa leitura!



Neste capítulo “A Família”, eu, Bitita, vou relatar sobre a minha família. Meu avô teve oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. Lembro-me do João, que teve meningite e ficou diferente; Joaquim, que era o campeão da família; e do tio Antônio, que era engraçado e teve uma briga com um fotógrafo por não lhe ter feito uma foto que ele ficasse bem. As tias Ana, Claudimira e suas histórias me intrigaram, especialmente a Donda, que teve uma vida triste, e a Claudimira, que era linda, mas não se casou.

Minha mãe, que veio da roça, contou-me sobre seu casamento com Osório, que não deu certo. Eu pensei em como ela se esforçava no trabalho para dar o melhor para nós. Enfrentamos a pobreza, e a vida era difícil, cheia de críticas e injustiças. Para mim, a liberdade era um sonho distante. Em meio a isso, minha mãe enfrentava preconceito, e eu via o sofrimento em nossa família. As histórias de amor e lutas, como a de Mariinha e sua mãe, deixavam-me confusa sobre o mundo dos adultos e suas escolhas.

Era um mundo em que a beleza e a cor da pele importavam, e eu, como uma menina negra, me perguntava sobre meu lugar. Eu vi as brigas, os amores, e o preconceito, sentindo o peso das diferenças.

A vida ia passando, a dor e a alegria misturavam-se. Eu desejava crescer, mas também temia as dificuldades que viriam. A luta pela aceitação e amor era constante, e eu sonhava em entender mais sobre as emoções dos grandes e a relação entre eles e nós, as crianças.

No fim, percebia que a vida é um emaranhado de sonhos e alegrias, e eu queria entender tudo isso, enquanto enfrentava minha

própria jornada, sonhando em ser mais do que apenas uma "negrinha".

Oi, neste capítulo “A Cidade” vou lhes contar o que eu vi e senti sobre as coisas do mundo, sobre os sábados e domingos que na minha cidade eram cheios de agitação. A cidade ficava cheia de homens procurando as mulheres que se vendiam. Eu as via tão animadas, arrumavam-se, tomavam banho e se perfumavam, saindo às ruas como se fossem notícias felizes que começavam a gritar, mas acabavam parecendo animais correndo atrás dos homens com dinheiro.

Eu via as mulheres tão limpinhas se envolvendo com homens sujos, e parecia tão errado. Elas diziam palavras doces, como “meu amor”, só porque eles tinham dinheiro. Aí eu pensava: “Por que tanto dinheiro é tão importante?” Meu vovô Benedito diz que o mais importante de tudo é Deus. E eu fiquei pensativa com tudo isso.

As mulheres usavam roupas tão coloridas e se pintavam, como se estivessem se preparando para algum grande espetáculo. Mas eu achava que elas deveriam se preocupar mais com a saúde, especialmente com a boca, para não terem mau hálito. E todo sábado, era um empurra-empurra com os policiais que pareciam muito bravos. Eles só sabiam prender e gritavam com as mulheres, como se elas fossem seres ruins. Eu via tudo isso e me perguntava: “Por que será que os grandes não respeitam os pequenos?”

Um dia, eu ouvi sobre uma mulher chamada Abadia que foi morta. Fiquei com medo, porque se eu soubesse quem havia feito isso, poderia acabar em problemas. Eu sabia que tinha cinco anos, mas percebia a infantilidade dos adultos, era tudo muito confuso.

Eu notava que as meretrizes não sabiam ler e precisavam de ajuda de outros para escrever cartas. Isso fez minha cabeça girar, queria que elas soubessem ler e escrever. Fui percebendo que essas mulheres que tinham tanto dinheiro muitas vezes não tinham um homem com quem se relacionar de forma verdadeira. Elas tinham diversos homens, mas nenhum era realmente delas.

Quando o frio chegava, eu via o povo pobre e triste na rua, e pensava nas injustiças que aconteciam com os negros. Ninguém os respeitava, só os via como suspeitos. Não entendia por que alguns meninos da minha idade diziam que eu era fedida. Eu só queria brincar, mas sempre ficava triste com aquelas palavras.



Eu só queria ser uma ave e voar longe, longe de tudo isso. Mas não podia, então eu seguia em frente, ajudando minha mãe a procurar lenha e a carregar. Às vezes, quando voltava para casa, eu me perguntava, “Por que o mundo assim é tão injusto? Deus não gosta dos negros igual gosta dos brancos? ”. Eu era criança, mas as perguntas surgiam, e eu queria respostas.

Quando ouvia sobre os ladrões sendo punidos na cidade, eu sabia que era uma lição para todos. As pessoas riam deles, mas eu

achava tão triste ver a indignidade humana. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Eu sonhava em aprender a ler e a escrever, a ser parecida com o doutor Cunha que lia jornais e as pessoas o respeitavam.

Eu achava tudo tão injusto. E assim, continuava nesse mundo tão complicado, aprendendo a viver entre as dores e as alegrias.

Era assim minha vida, a vida de uma menina chamada Bitita, que via e pensava sobre tudo o que era errado e tudo o que sonhava em ser certo.

Oi! Este capítulo se intitula “Meu Genro”. Vou lhes contar o que aconteceu quando uma senhora chegou à nossa cidade Sacramento. Ela não dizia de onde vinha, mas veio à procura de criadas e minha mãe aceitou o emprego. A senhora queria deixar a casa brilhando, limpar tudo e fazer muitos doces, porque seu genro estava vindo para visitá-la. Ela estava tão animada que fez convites para todas as pessoas ilustres da cidade irem almoçar em sua casa! Fiquei curiosa para ver quem era esse genro que tanto falava e que a sogra dizia ser tão especial.

Minha mãe e a tia Tereza se cansaram na cozinha preparando tudo. A Antônia, mulher do pai preto, ajudou a engomar as toalhas bordadas. A casa estava linda, parecendo uma festa. A patroa era tão delicada, ela pedia as coisas com gentileza, como se fizesse favor a gente. “Meu genro vai chegar amanhã, você pode vir às seis horas?”, ela perguntou à minha mãe.

Quando o dia chegou, minha mãe estava toda arrumada, com um vestido novo e sapato bonito. Logo ao meio-dia, chegou a hora! O genro chegou no bonde do Cipó e trouxe a esposa e os

filhos. Quando ele desceu do carro, a sogra foi correndo recebê-lo. Ela dizia que fazia muito tempo que não se viam e o abraçou com carinho, como se fosse um príncipe.



Mas então, a notícia espalhou rapidamente: "O meu genro chegou! E ele é preto!" O jeito como as pessoas reagiram foi estranho. As convidadas ficaram preocupadas, murmurando e comentando, desprezando, perguntando se ele era tão importante assim.

Depois do almoço, que estava que tinha sobrado tanta comida e bebidas, percebi que a sogra estava chorando por dentro. Ela não queria que as pessoas notassem que seu genro era negro. Ela instruiu minha mãe a deixar apenas seis lugares na mesa, como se

quisesse proteger seu genro do desprezo.

Durante a mesa, o genro estava desapontado com a cidade. Ele criticou tudo, dizendo que Sacramento era só uma vilinha e que as pessoas lá não eram evoluídas. Ele adorava o progresso das grandes cidades e sonhava em levar a sogra embora para morar no Rio, onde não existia preconceito. Fiquei impressionada com o quanto ele falava e tinha certeza de que algumas coisas não eram bem como ele pensava.

A senhora falava com tanto orgulho do seu genro, que parecia querer que todo mundo o tratasse com reverência. Eu percebia que o jeito como olhava para ele era de admiração, como se ele fosse uma joia rara. Mas também me dei conta de que, para os outros, isso não importava tanto. Eles olhavam para o genro com desprezo só por ele ser negro, como se isso fizesse dele uma pessoa menos importante.

Minha mãe, vendo tudo isso, sempre dizia que o mundo era injusto e que a cor da pele de alguém não deveria importar, mas eu não entendia por que as pessoas ficavam assim. Eu ficava furiosa e pensava: “Vou fazer o mundo mudar! Não gosto de como as coisas são!”

Uma vez, eu até disse que não queria gente grande no mundo, porque eram os maiores que faziam coisas ruins. Para mim, as crianças brincavam juntas sem se preocupar com cor ou qualquer outra coisa. E, enquanto pensava tudo isso, o tio Cirineu ouvindo, disse que eu ainda ia longe com essas ideias.

E assim, eu, a Bitita, sonhava em um dia ver um mundo diferente!

Neste próximo capítulo “A Morte do Avô”, relato sobre tudo o que aconteceu com meu avô e o que eu pensava sobre isso. Um dia, o tio Cirineu disse que eu ia me casar com o filho dele, o Ascindínio. Mas, no fundo do meu coração, eu preferia o Cirino. O Ascindínio parecia tão calmo, como água parada, e eu sonhava com um homem cheio de energia, um verdadeiro relâmpago. Queria ver um preto rico, que tivesse terras e plantações, como os fazendeiros que ouvi falar na Bahia. A vida dos pretos era tão desigual – uns eram ricos, outros tão pobres, e eu não entendia por que os pobres sempre pediam a Deus por socorro.



Aos domingos, as primas adultas se reuniam, falando sobre os bailes e a música dos namorados. Mas eles eram analfabetos, a vida deles era dura. Os homens trabalhavam nas fazendas, sem

escolas e sem permissão para ficar na cidade durante a semana. O único que tinha coragem de enfrentar os policiais era o pai da minha prima Dolores, o Augusto Bicudo. Mas ele sofreu por isso, levou um tiro de um policial e acabou trabalhando no circo, porque agora tinha se tornado uma atração.

Enquanto isso, o casamento da Maria Maruca estava se preparando. Ela era uma mulata bonita que amava o João Marcelino, mas a mãe dele não permitia esse relacionamento. O João só pôde lamentar. A Maria, percebendo que não podia ficar com ele, começou a namorar outro homem, o Sebastião. Mas a vida foi cruel com ela – ele morreu em um acidente de trabalho, e a viúva, mesmo chorando, atraía homens que a rondavam, quase como se fossem cães atrás de uma cadela na rua. Não consegui entender como homens se comportavam assim mesmo em momentos de luto.

Com tantos pensamentos, cheguei a pensar que as mães deveriam morrer só depois de criarem seus filhos, e me revoltava quando via os homens que morriam sem pensar nas consequências de suas ações. Eu não tinha medo da morte na minha infância, mas ficava triste com a dor que ela causava.

Um dia, vi um soldado matar um homem negro sem motivo, e aquilo me deixou abalada. O policial atirou, e o sorriso do soldado ao falar sobre o tiro me deixou com medo da crueldade. Por que os brancos poderiam matar os pretos? Eu pensava que talvez Deus tivesse dado o mundo só para eles.

Quando meu avô ficou doente, eu pensava em como ele sempre dizia que Deus era quem mandava a chuva e como as pessoas que morriam deixavam um vazio desolador. Ele passou por

uma longa doença e, enquanto isso, as pessoas vinham perguntar sobre ele, e todos admiravam o homem bom que ele era. O dia do seu falecimento foi muito triste para mim. Eu assisti a tudo, chorando e sentindo que a morte me tirava o que havia de mais precioso.

Nos seus últimos momentos, meu avô compartilhou suas sabedorias, e eu queria aprender tudo o que ele dizia. Ele falava sobre a importância do bem e do mal e como a vida é passageira, parecendo um hotel. Ele merecia tantos elogios – ele sempre foi um homem bom, que nunca brigou.



Quando ele morreu, o enterro foi um momento triste. Eu olhei para o corpo dele, pensando em quão bonito ele era e em como sempre quis ser igual a ele. Ele foi enterrado e, mesmo assim,

não pude deixar de sentir que ele ainda estaria olhando por nós, talvez conversando com Deus para que as chuvas voltassem ao nosso lar. Depois do sepultamento, minha mãe ainda chorava, e eu percebi que eu estava esquecendo os momentos bons que tivemos juntos. Meu avô foi o preto mais bonito que já vi, e mesmo com a dor da perda, ele continuaria a viver na minha memória.

Olá, pessoal! Aqui neste capítulo intitulado “A Escola” conto-lhes tudo sobre a minha experiência na escola. Um dia, minha mãe foi lavar roupa na casa do senhor José Saturnino, e a esposa dele, dona Mariquinha, sugeriu que eu fosse para a escola. Mamãe concordou, e então eu fui com ela falar com a professora. Quando entrei na escola, senti um medo muito grande. As paredes estavam cheias de quadros de esqueletos humanos, e eu não sabia se ia conseguir ficar ali.

O professor se chamava Hamilton Milon, irmão do fundador do Colégio Alan Kardec, o senhor Eurípedes Barsanulfo. O período da manhã era para o quarto ano, e eu estava só curiosa para ver como era estudar. Mas quando os meus colegas disseram coisas maldosas como “Que negrinha feia!” e “Parece um sapo”, eu fiquei revoltada. Não queria voltar mais. A dona Maria Leite, que era uma mulher boa e ajudava crianças pobres, insistia para minha mãe me colocar na escola para eu aprender a ler. Ela morava longe, mas sempre trazia roupas novas para as crianças, dizendo que queria que nós também tivéssemos vaidade e educação.

Minha mãe sempre me dizia que deveríamos obedecer aos brancos, desde que fossem sábios, e mesmo assim estava relutante em me enviar para a escola, por causa do que a dona Maria Leite

pensava. No entanto, quando entrei na classe, a professora me perguntou se eu mamava ainda. Eu não tinha vergonha e, quando confessei, todos riram de mim. A professora, meio brava, me disse que eu precisava deixar de mamar porque tinha que estudar. E claro, no fundo eu era só uma criança pequena, mas me senti envergonhada. Quando cheguei em casa, fiquei tão incomodada que não quis mais mamar.

A professora Lonita começou a me incentivar a aprender a ler, mas eu não me interessava. Como eu era preguiçosa, implorava para minha mãe não me deixar ir à escola, mas acabava levando chicotadas por isso. Com um desenho amedrontador que ela fez de um inspetor, um homem com um tridente que furava crianças que não aprendiam, eu me preocupei. Quando via aquele desenho, eu gritava que ia estudar. E assim decidi me esforçar, percebendo que tinha que agradecer a professora por querer me ensinar.

Com o tempo, percebi que estava aprendendo e até consegui ler os nomes das lojas pela cidade! Fui correndo para casa contar para minha mãe, e ela ficou surpresa. Não tínhamos livros em casa, mas consegui um emprestado de uma vizinha, “A Escrava Isaura”. Li e chorei com a história da escravidão. Aprendi que os homens ricos que trouxeram os negros da África eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza.

A partir daí, minha paixão pela leitura só cresceu. Eu passei a ser uma das melhores alunas da classe, mas percebia que a professora ainda achava os alunos brancos mais estudiosos. Os alunos brancos saíam depois que ela falava comigo e meus colegas pretos, e isso os deixava enfurecidos. Às vezes, ela elogiava a gente

e dizia que éramos esforçados. Os brancos não gostavam nada, diziam que um negro não poderia ser melhor que eles.

A professora me emprestava livros das melhores histórias, e nós todos trocávamos os livros entre nós. A escola começou a se transformar em um lugar onde eu queria estar, onde aprendi muitas coisas valiosas. Eu percebi que, com cada página lida, eu me tornava mais forte e mais digna. A leitura e a escola abriram um mundo novo para mim, e eu estava determinada a aprender cada vez mais.



E estamos encerrando mais uma síntese! Neste capítulo “A Fazenda” vou lhes contar a história de como fomos parar na fazenda. Um dia, chegou um homem na cidade, chamado José Romualdo, dizendo que estava procurando uma mulher para viver com ele na

roça. Ele falou com minha mãe, e ela aceitou ir. Ele disse que a vida no campo era mais saudável e simples do que na cidade, onde tudo era difícil e tínhamos que comprar tudo o que precisávamos.

Depois disso, ele foi encontrar um fazendeiro que o aceitasse como colono. Com isso, nós iríamos morar na fazenda Lajeado, perto de Uberaba, com o senhor Olímpio Rodrigues de Araújo. Fiquei triste porque tinha que deixar a escola, onde ainda faltavam dois anos para eu completar meus estudos nas séries iniciais. Chorei muito por isso, porque a escola e meus livros eram a única coisa que eu apreciava de verdade.

Enquanto minha mãe arrumava nossas coisas, eu encaixotava meus livros e sentia um aperto no coração. Fui pela primeira vez em um caminhão, e a viagem foi rápida! Quando chegamos à fazenda, não gostei. O lugar parecia triste, com muitas árvores e pouco movimento. Olhando para aquele local, só pensava em voltar para a cidade. Minha mãe ficou emocionada e começou a chorar, lembrando que teríamos que pagar a dívida com o motorista, que custou duzentos mil-réis.

Meu padrasto tentava animá-la, dizendo que teríamos um ano de sofrimento, mas que em breve as coisas melhorariam, pois íamos plantar lavouras. Eu só pensava se conseguiríamos sobreviver no mato, e tinha medo de passar fome. Minha mãe me contou que havia nascido na roça e que lá era onde ela era realmente feliz. Mesmo no início, eu não via como poderia me acostumar com aquele lugar.

Após alguns dias, comecei a me adaptar à vida simples do campo. O ambiente era tranquilo, diferente da cidade. A dona Maria,

esposa do senhor Ilarêncio, nos fornecia leite e queijo, e os visitantes nos presenteavam com galinhas, o que nos ajudaria muito.

Minha mãe acordava cedo para preparar nossas refeições, e eu, relutantemente, deixava a cama para ajudar a cuidar dos bichinhos e plantas.

O fazendeiro nos deu três alqueires de terra para plantarmos o que quiséssemos, como arroz, feijão, milho e cana. Aos poucos, eu fui aprendendo o quanto a terra era valiosa e começou a me encantar com sua riqueza. Quando a colheita chegou, fiquei impressionada com a generosidade da terra! Era uma grande alegria colher e guardar tudo no paiol. A vida era abundante e tranquila, e eu estava aprendendo a amar o campo.

Lia tudo que podia sobre os heróis da história do Brasil, como Henrique Dias e Luiz Gama, e isso me fazia sentir mais forte e mais conectada à minha identidade. Também começamos a criar porcos e planejávamos comprar uma vaca, mas era muito caro. Minha mãe sempre achava que eu sonhava demais.

Os domingos eram agradáveis, quando visitávamos o colono mais rico, o senhor Florêncio. Ele tinha muitos animais e terras. Enquanto isso, eu me deliciava com a riqueza que agora tínhamos, não mais precisando comprar sacos de arroz, que eram pesados, e gostava de ver como nossos esforços estavam se transformando em colheitas fartas. As verduras e frutas que colhíamos me faziam sentir como se estivesse vivendo na terra prometida.

Fui trabalhar como ajudante da dona Maria Cândida, uma fazendeira que sempre parecia me examinar e me fazer promessas de presentes quando fosse a Uberaba. Comecei a acordar cada vez

mais cedo para não desapontá-la. Mas quando ela voltou de Uberaba e não me trouxe nada como me prometera. Senti-me enganada, como se todo o trabalho duro que fiz para ela não tivesse valido a pena.

Nos quatro anos na fazenda, aprendemos muito, mas tudo mudou quando o fazendeiro nos mandou embora, alegando que éramos um prejuízo para ele. Ele nos tratava como se não importássemos. Meu padrasto pediu ao fazendeiro para alugar o arado para arar as terras, mas ele não quis. Fiquei muito triste por deixar nossa casa e as colheitas que havíamos plantado e cuidado com amor.

Então, conseguir um transporte para voltar para Sacramento foi uma bênção. Pelo menos íamos voltar juntos, e as lembranças das nossas lutas e conquistas na fazenda sempre estarão conosco.



AULÃO PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTES - 2º BIMESTRE

Sequência didática interdisciplinar 2: "As Questões de Bitita – Reflexões e Sonhos"

- ❖ Público-Alvo: Alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
- ❖ Disciplinas Envolvidas: Língua Portuguesa, História e Arte
- ❖ Duração: 3 aulas (aproximadamente 5-6 horas no total)

Objetivos gerais:

- ◆ Promover a reflexão crítica sobre questões sociais, identidade, preconceito e relações familiares.
- ◆ Fomentar a criatividade através da produção textual, artística e do teatro.
- ◆ Desenvolver habilidades de pesquisa e análise histórica.

Materiais Necessários:

- ◆ Cópias dos jograis sugeridos.
- ◆ Folhas sulfites.
- ◆ Materiais para a criação dos varais (cordão, papéis, pincéis, canetinhas, colas, tesouras).
- ◆ Projetor e tela para as apresentações (opcional).

Métodos de avaliação:

- ◆ Avaliação contínua das interações durante as discussões em grupo e das apresentações em aula.
- ◆ Avaliação escrita e artística das produções pedidas (nuvem

de palavras e cartazes), com foco na profundidade das ideias e na criatividade.

- ♦ Avaliação da performance dos alunos na apresentação dos jograis.

ESTRUTURA DO AULÃO

Aula 1: Contextualizando o tema

- ✓ Síntese dos capítulos 7 a 12
- ✓ Contextualização e produção textual.

1. Introdução ao tema (30 min)

- ♦ Leitura da síntese dos capítulos 7 a 12.
- ♦ Releitura dramática, feita pelos professores, dos trechos "A Família", "A Cidade" e "A Escola" para criar uma conexão emocional com a história de Bitita.
- ♦ Discussão em grupo sobre as emoções e realidades apresentadas nessas partes:
- ♦ Quais as dificuldades enfrentadas por Bitita e sua família?
- ♦ Como o preconceito e a desigualdade social se manifestam no texto?

2. Oficina de escrita criativa (1h)

- ♦ Atividade sob coordenação do professor de língua portuguesa e apoio dos professores de história e arte: os alunos, divididos em grupos, elaborarão uma “nuvem de palavras” ressaltando as palavras-chave que marcam as

experiências, sentimentos e questões sobre família, preconceito, identidade e sonhos da personagem Bitita.

- ◆ Objetivo: estimular a empatia e a reflexão sobre a infância de Bitita, suas próprias vidas e as de outros.

3. Discussão e compartilhamento (30 min)

- ◆ Em seguida, os grupos exporão suas nuvens de palavras em um círculo, justificando a escolha das palavras, promovendo troca de experiências e aprendizados.

Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística

1. Pesquisa e apresentação histórica (1h)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de história e apoio dos professores de língua portuguesa e arte: o professor de história explicará o contexto socioeconômico do Brasil durante o período abordado na síntese dos capítulos lida, focando nas relações raciais e sociais, principalmente a respeito do papel das mulheres.
- ◆ Os alunos serão divididos em grupos, e cada grupo receberá um dos temas abaixo para discorrer:
 - **Preconceito racial na sociedade brasileira.**
 - **A vida das mulheres negras e suas lutas.**
 - **O papel da educação e do analfabetismo.**

Os alunos apresentarão suas conclusões/impressões de cada tema na forma de cartazes estimulando o aprendizado colaborativo.

2. Expressão artística: criação de varais (1h)

Atividade sob coordenação do professor de arte e apoio dos professores de língua portuguesa e história: cada grupo criará uma tela/pintura (papel sulfite) que ilustre uma cena ou tema da história de Bitita, com colagens, pinturas, desenhos e frases inspiradoras dos capítulos trabalhados.

Objetivo: expressar artisticamente a luta e a identidade dos personagens, reforçando a ligação entre arte e cidadania.

Aula 3: Jogral e reflexão coletiva

Atividade sob coordenação de todos os professores envolvidos (língua portuguesa, história e arte):

1. Jogral: apresentação expressiva (1h)

- ♦ Divididos em 03 (três) grupos, os alunos receberão um jogral impresso e diferente que corresponde à síntese dos capítulos 7 a 12 que foram lidos pelos professores e criarão uma apresentação expressiva na forma de um jogral.
- ♦ Os grupos apresentarão seus jograis para a turma, promovendo a empatia e compreensão sobre os sentimentos e dilemas dos personagens dessa síntese.
- ♦ Professor, a seguir 03 (três) jograis a serem impressos e entregues aos grupos para sucessiva apresentação à turma.

Jogral 1: "Vidas entrelaçadas"

Narrador:

Em nossa história, um eco forte,
Das vozes que lutaram por um pouco de sorte.
Bitita, a menina com um sonho no olhar,
Contará de sua família e da luta para amar.

Bitita (voz 1):

Eu sou Bitita, filha de um lar,
Com avô, tios e tias prontos a amar.
Meu avô combativo, em momentos difíceis,
Nos ensinou a lutar, a ser felizes.

João (voz 2):

Lembro da meningite que me deixou marcado,
Mas sou forte, com amor sempre ao meu lado.
Na vida, enfrentamos críticas e dor,
Mas a união traz sempre o calor.

Joaquim (voz 3):

O campeão da família, nunca vou desistir!
Cada vitória é um motivo pra sorrir.
A cor da pele não define meu valor,
Lutamos com coragem, é o que trago em meu amor.

Tio Antônio (voz 4):

Ah, a briga com o fotógrafo, que lembrança!
Queria um retrato que mostrasse minha estampa.
Mas a vida é feita de tantas histórias,
Através do riso, conto nossas vitórias.

Narrador:

Bitita observa, confusa no caminho,
A cidade a ensina sobre o amor e o carinho.
Mas os preconceitos a fazem duvidar,
De onde veio, do que é, ao se posicionar.

Todas as vozes:

Ah, queremos liberdade, dignidade e paz!
Nessa luta diária, juntos somos mais.
A cor da pele é só uma veste,
Nossa essência, nobreza nunca a conteste.

Jogral 2: "A Escolha de Bitita"

Narrador:

Pequena Bitita, num mundo a observar,
Com olhos brilhantes, tentando entender.
Sua voz é a voz de uma geração,
Vamos ouvir seu coração, sua emoção.

Bitita (voz 1):

Eu vi a cidade cheia de contradições,
Mulheres buscando amor em troca de ilusões.
Dinheiro e poder, mas onde está o respeito?
Olho ao redor e sinto o amargo efeito.
Mulheres da cidade

(vozes coletivas e tristes):

Nós, coloridas, arrumadas, queremos ser amadas,
Mas, esquecemos que a verdade é muito mais pesada.
Por que tantas regras, tanta desigualdade?
Precisamos de amor, respeito, dignidade!

Bitita (voz 1):

Oh, vovô Benedito, a fé é seu remédio!
Ele sempre diz que Deus é o nosso princípio e o nosso prédio.
Então, eu me pergunto: o que mais devemos fazer?
Pra que o amor e a justiça possam florescer?

Vozes do povo (tom de resistência):

Queremos respeito, queremos um lugar,
Por trás da cor da pele, há um ser a brilhar.
As correntes da história tentaram nos calar,
Mas juntos, levantamos, prontos a lutar!

Bitita (todas as vozes):

E assim, quero aprender e me inspirar,
Para mudar o futuro, sempre a brilhar.
Na leitura, na escola, vou lutar e sonhar,
A inclusão e o amor são o que vamos buscar!

Jogral 3: "Desafios e Esperanças"

Narrador:

Olhos de esperança, você pode notar,
Bitita, a sonhadora, começa a brilhar.
Diante dos desafios, encontrada a verdade,
Um sonho de igualdade, essa é a realidade!

Bitita (voz 1):

Sonhar em ser mais, não é só uma meta,
Quero um mundo em paz, a vida correta.
Mas quando olho ao redor, me vem um temor,
A injustiça persiste, será que há amor?

Público (todos juntos esperançosos):

É preciso levantar a voz e se unir,
Com coragem e amor, vamos fazer o melhor existir.
A luta não é só sua, é de todos nós,
Na educação antirracista, encontramos nossa voz!

Avô (voz 2):

Voz da sabedoria, que ama e ensina,
Mostrando que a vida é uma constante docina.
Olhe, minha neta, o bem e o mal,
A vida é uma dança, um desafio imortal.

Bitita (voz 1):

Juntos reunidos, vamos nos fortalecer,
Na beleza da inclusão, podemos florescer.
Cada voz é única, cada história tem valor,
E vamos construir um mundo cheio de amor.

Narrador:

Assim, com coragem, a história se faz,
Bitita e sua família, unidas em paz.
Lutamos por justiça, um mundo a celebrar,
Nessa jornada juntos, não vamos parar

2. Reflexão final e bate-papo (1h)

- ◆ Realização de um círculo de diálogo no qual os alunos compartilham o que aprenderam sobre a vida de Bitita, a partir dessa síntese dos capítulos 7 a 12, para discutirem questões relacionadas ao preconceito e à aceitação da diversidade.

Perguntas para reflexão:

- Como podemos contribuir para mudar a maneira como as pessoas são tratadas em nossa sociedade?
- O que cada um pode fazer para ser um agente de mudança e promotor de igualdade?

Sugestões de atividades contextualizadas direcionadas para as disciplinas dos professores envolvidos

Questão para o professor de língua portuguesa

Nos relatos de Bitita existem várias manifestações de emoções e críticas sociais. Qual dos trechos a seguir demonstra um uso eficaz de linguagem figurada para expressar a complexidade das relações sociais e a percepção da personagem sobre sua realidade?

A) "Meu avô teve oito filhos, quatro homens e quatro mulheres."

B) "A vida ia passando, a dor e a alegria misturavam-se."

C) "Eu via as brigas, os amores, e o preconceito, sentindo o peso das diferenças."

D) "Meu padrasto tentava animá-la, dizendo que teríamos um ano de sofrimento, mas que em breve as coisas melhorariam."

E) "Eu só queria ser uma ave e voar longe, longe de tudo isso."

Resposta correta: E) "Eu só queria ser uma ave e voar longe, longe de tudo isso."

Esse trecho utiliza uma metáfora que expressa o desejo de liberdade e fuga da dura realidade enfrentada pela personagem. A imagem de voar como uma ave simboliza a busca por escapar das limitações e injustiças que a cercam, refletindo a complexidade e a profundidade das emoções de Bitita.

Questão para o professor de história:

Qual foi um dos principais desafios enfrentados pelas famílias de ex-escravizados, como a de Bitita, no contexto rural após a abolição da escravidão no Brasil?

A) O acesso fácil a créditos governamentais para iniciar pequenas propriedades rurais.

B) A integração social completa das comunidades negras com os brancos na vida urbana.

C) A luta para conquistar a terra e garantir a sua propriedade, muitas vezes enfrentando discriminação e dificultando a sobrevivência.

D) O apoio irrestrito de políticos e autoridades em suas lutas por direitos e dignidade.

E) A disponibilidade de educação pública e gratuita para todas as crianças negras sem discriminação.

Resposta correta: C) A luta para conquistar a terra e garantir a sua propriedade, muitas vezes enfrentando discriminação e dificultando a sobrevivência.

Após a abolição da escravidão, muitos ex-escravizados enfrentaram o desafio de conseguir terras para cultivar e sustentar suas famílias. A falta de políticas públicas adequadas e a contínua discriminação racial foram barreiras que dificultaram a construção de uma vida digna e estável no campo.

Questão para o professor de arte:

Considerando a realidade e os desafios enfrentados pela comunidade negra após a escravidão, que forma de arte seria mais eficaz para expressar as lutas e a resistência cultural do povo negro, tal como retratado na história de Bitita?

A) Pinturas em estilo modernista que retratam somente a vida urbana sem abordar questões sociais.

B) Músicas populares que falam sobre a vida dos ricos e suas tradições familiares.

C) Poemas e obras literárias que abordem a desigualdade racial e a busca pela identidade cultural.

D) Exibições de danças que não refletem a cultura afro-brasileira ou suas tradições.

E) Esculturas que apenas celebram símbolos de riqueza e status social, ignorando a história da opressão.

Resposta correta: C) Poemas e obras literárias que abordem a desigualdade racial e a busca pela identidade

cultural.

A literatura e a poesia são formas poderosas de arte que permitem a expressão das lutas, sofrimentos e esperanças da comunidade negra, contribuindo para a construção de uma identidade cultural rica e diversa. Essas obras têm o

Considerações finais

Esta sequência didática visa proporcionar aos alunos uma experiência rica e multidimensional, abordando questões sociais através da literatura. Eles serão incentivados a desenvolver pensamentos críticos, empatia e sua expressão artística, criando um ambiente de aprendizado ativo e reflexivo.



CAPÍTULOS 13 A 17 – SÍNTESE DAS HISTÓRIAS

A terceira sequência didática será elaborada a partir dos resumos dos capítulos: i. Retorno à cidade, ii. Doméstica, iii. A doença, iv. A revolução, v. As leis da hospitalidade.

Boa leitura!



Oi, eu sou a Bitita! Lembram-se de mim? Prontos para uma experiência leitora? Vou lhes contar neste capítulo “Retorno à Cidade” como foi minha vida desde que deixamos a roça e fomos para a cidade. Na cidade, era horrível ter que comprar um quilo de arroz e um quilo de feijão. Eu não entendia por que não tínhamos terras para plantar. O convívio com as pessoas na cidade era difícil; havia brigas todos os dias, e os policiais sempre apareciam, espancando os que se envolviam em confusões. Eu sentia tanta falta da vida alegre no campo! Lembrava-me de quando minha mãe torrava farinha e de como fazíamos pão usando muitos ovos. A vida lá era cheia de comida boa e eu não me preocupava com o amanhã, pois vivíamos em fartura.

No entanto, essa vida pacata do campo estava longe de nós. Meu padrasto estava triste com a agitação da cidade e nossa casa estava cheia de gente, entre primos e amigos. Então, conseguimos um trabalho no sítio de um japonês chamado Napoleão, onde eu ganhava três mil-réis e meu padrasto, cinco mil-réis. Com o que ganhávamos, comprávamos um pouco de comida, mas ainda assim eu estava preocupada.

Infelizmente, minhas pernas começaram a ficar cheias de feridas. Cozinhava ervas para tentar curá-las, mas não cicatrizavam e isso me deixou apavorada, especialmente porque, sem poder trabalhar, dependia de minha mãe e do meu padrasto. Um dia, apareceu um negro à procura de pessoas para trabalhar na lavoura de café em São Paulo, e meu padrasto aceitou. Juntamos um grupo de oito pessoas, porque era um trabalho pesado.

Em uma segunda-feira, embarcamos e chegamos à fazenda

Santa Cruz, onde o proprietário era o senhor Oliveira Dias, conhecido como o Loló. Dormimos no chão, porque nossas coisas ficaram na estação e só meu padrasto foi buscá-las. O administrador da fazenda era um mulato chamado José Benedito, que nos deu uma casa simples, sem luz elétrica, apenas um cruzeiro iluminado na casa do fazendeiro.

Naquela fazenda, não podíamos plantar e vivíamos com a ordem de cento e cinquenta mil-réis para fazer compras em um armazém longe. Andávamos quatro horas para chegar lá, mas o dinheiro era tão pouco que mal comprávamos o essencial. O fazendeiro sempre reclamava do nosso trabalho e nos olhava enquanto andava a cavalo, dizendo que ali não era permitido adoecer.

No quintal da fazenda tinham verduras e vacas, mas tudo era vendido para os colonos. E a minha prima Dolores conseguiu um emprego na cidade de Franca. Com isso, também fui trabalhar como empregada doméstica e fiquei feliz, minhas feridas finalmente cicatrizaram. Meu padrasto fugiu, e fomos buscar minha mãe e o meu irmão, Adãozinho, que era um bebê que não resistiu à barriga-d'água.

Por causa de tudo o que passamos nas fazendas, escrevi uma poesia chamada "O colono e o fazendeiro", que falava sobre os problemas que enfrentamos. O que mais me incomodava era que não podíamos viver dignamente no campo, sendo espoliados pelos que tinham poder. Eu sonhava em voltar para a roça, se ao menos pudéssemos plantar nossas próprias culturas, como feijão e arroz, no meio do café.

Hoje, eu não gosto dos fazendeiros que existem, pois só pensam em enriquecer, expulsando os colonos no momento da colheita. Falavam que as terras eram deles, que pagavam impostos, mas na verdade eram ladrões legalizados. O resultado disso era que muitos colonos iam para a cidade, onde acabavam perdendo suas habilidades de agricultor e se tornando apenas operários ou consumidores.

O Brasil, que tem tantas terras, ainda é um lugar onde o povo luta para conseguir viver da agricultura. E quanto mais eu pensava sobre tudo isso, mais eu percebia que devíamos ser valorizados, pois somos a força que faz esse país crescer.



Olá, pessoal! Vocês já sabem que lugar de criança é na escola, mas comigo isso não valeu. Vou lhes contar neste capítulo “Doméstica” tudo que aconteceu depois que deixamos a fazenda do Loló. Quando saímos de lá, deixamos tudo para trás e entramos na cidade ainda mais pobres. Trabalhamos duro, carpindo doze mil pés de café, mas não recebemos nada em troca. Aquilo me deixou muito triste e ressentida. Da nossa casa, fomos para a cidade, onde não tínhamos onde morar.

Logo, minha mãe foi viver no quartinho da Mariinha, que estava nervosa porque, com a nossa presença, não podia receber seu amante. Eu sentia que, de alguma forma, eu era a culpada por tudo aquilo, e só podia xingar o Loló na minha cabeça como forma de vingança, já que tudo que eu amava, meus livros, ficaram na fazenda.

Passamos muita fome e, após conseguir quinze mil-réis, alugamos um quartinho com um casal de italianos. No início, era tudo tranquilo, mas logo o dinheiro do aluguel acabou porque os italianos gastaram tudo com álcool esquecendo-se de que havíamos pagado por nossa estadia. Eles não respeitavam nem os trinta dias do mês e, quando pedi para ficar, mandaram-me embora, chamando-nos de vagabundos.

A Dolores, minha prima, foi viver com um namorado. Então consegui um emprego de doméstica com o senhor Benjamim, um sírio que tinha um empório. Ele e a esposa eram analfabetos e não cuidavam bem das contas. Eu fiz o que pude, mas quando vi uma briga na casa entre o sírio e um professor, pedi a conta por me sentir enojada.

Após isso, voltei a trabalhar na casa do meu velho

empregador, que era irmão do senhor Higino Calleiros. Minha mãe estava feliz lá, e eu a ajudava limpando a casa. Um dia, quando fui limpar atrás de um armário, uma verdadeira infestação de baratas apareceu, e todo mundo ficou horrorizado.

Logo conseguimos alugar uma casa com a dona Narcisa, mas o fazendeiro Loló tinha arranjado tantos problemas para nós! Não conseguíamos dinheiro suficiente para a comida e minha mãe decidiu que deveríamos voltar para Sacramento, onde ela tinha um pequeno rancho e ainda podia conseguir o que comer.

Fui trabalhar novamente na residência do senhor Armand Goulart, mas não consegui dar conta do serviço, então mudei para a casa do farmacêutico Manoel Magalhães. Eles estavam alegres com a visita de um padre, Geraldo, que chegaria de Roma. Todos ficaram animados com a ideia de ter um padre na família.

Um dia, enquanto estava estendendo roupas, ouvi gritos: "Sumiu! Deve ter sido ela!" Dois soldados chegaram e me acusaram de roubos. Eu estava aterrorizada e só pensava em como todos os pretos eram tratados assim. Mas antes que pudesse ser castigada, o padre avisou que o dinheiro havia sido encontrado. Ele queria pedir desculpas, mas a família não acreditou em mim e achava que os negros eram inferiores.

Senti a humilhação do que aconteceu e sujei a mim mesma, pensando em como poderia ter um futuro. Minha mãe disse que eu era infeliz, e minha tia disse que, se eu sarasse, poderia ficar rica um dia. Isso me fez refletir mais sobre minha vida.

Depois disso, surgiu a oportunidade de trabalhar na fazenda São Gabriel, onde minha mãe foi contratada como lavadeira. Lá, era

um lugar de muita fartura e eu estava animada por trabalhar com algo que me deixava próxima da terra. Dona Elza, a patroa, me escolheu como cozinheira. Quando ela viajou, eu fui encarregada de cuidar das crianças.

Na fazenda, percebi que o sistema era injusto, pois as crianças ricas tinham muito mais do que podíamos sonhar. Eu cuidava dos meninos da patroa, mas sentia um desgosto ao ver que eram tratados de forma privilegiada. Um dia, um acidente com uma panela causou confusão, e todos riram de mim, mas por dentro eu estava furiosa pela situação.

Com o tempo, a dona Elza viajou muito e, quando voltou, dispensou-me e me pagou apenas uma parte do que me devia. Assim, voltei para a cidade a pé, levando a esperança de que um dia as coisas iriam melhorar. Havia aprendido muito, mas também sentia que precisava abandonar a vida que me fazia tão infeliz.

Quando chegamos a Sacramento, e percebendo que não tínhamos dinheiro nem comida, pensei: "Prefiro pedir esmolas do que continuar a viver para os fazendeiros e aguentar tantas humilhações." Cassei um jeito de me erguer de novo e fazer valer a minha voz.

Agora vou lhes contar um episódio da minha vida em que fiquei muito doente. Neste capítulo "A Doença" narro o que aconteceu comigo quando decidi ir a Uberaba em busca de ajuda médica para curar minhas pernas doentes. Ouvi que lá havia bons médicos, então peguei minha trouxa e saí sem me despedir de ninguém. Foi uma jornada difícil; eu dormia nas estradas e andava muito, lutando para chegar ao meu destino.

Quando finalmente cheguei a Uberaba, encontrei a dona Maria Leonaldo, uma conhecida que não me recebeu muito bem. Ela estava com um bócio e mencionou que ia operar. Eu, por outro lado, só queria curar minhas pernas. As filhas dela viviam uma vida social e, mesmo me sentindo um pouco invejosa, compreendi que cada um tinha sua luta.

Dona Maria me disse que eu poderia dormir no galinheiro, e comparado ao que já havia passado, não era muito ofensivo, mas foi uma noite longa e desconfortável. No dia seguinte, ela me disse que não mais me hospedaria lá e sugeriu que eu procurasse o asilo São Vicente de Paula, onde as irmãs poderiam me aceitar, acreditando que eu merecia hospitalidade.

Já estava muitos dias sem tomar banho e minhas feridas já deixavam o meu corpo fedido. Fui até o asilo, conheci a irmã Augusta e contei tudo sobre minha vida. Ela me convidou a entrar e me apresentou a outras irmãs. Ao olhar para o crucifixo, pensei em como era horrível ser pobre e lembrei-me de como Cristo também tinha vivido na pobreza.

A vida no asilo começou com um café da manhã farto, pelo qual eu percebi que o povo de Uberaba cuidava melhor de seus pobres em comparação ao que conhecia em Sacramento. Com o tempo, pedi permissão à irmã Augusta para fazer um exame na Santa Casa. O médico me deu algumas amostras de remédio, e eu esperava que aqueles remédios me fizessem amanhecer sã.

As irmãs pediram que eu lavasse as roupas dos asilados. Eu trabalhei duro, mas minhas pernas não melhoravam. Cansada dessa vida, pedi à irmã Augusta para voltar para minha terra, mas ela

insistiu que o mundo era cheio de agruras, e de eu precisava me manter no asilo até minhas pernas melhorarem.



Eu queria mesmo ir ao hospital, mas precisava trabalhar e trocar as roupas, e não tinha permissão. Enquanto isso eu me fartava com a comida das irmãs, que era bem diferente da minha realidade.

Meus pensamentos estavam sempre girando em torno das palavras da irmã Augusta, refletindo sobre as dificuldades da vida. Eu queria ajudar minha mãe e os meus familiares, e isso me motivava a buscar uma cura.

A irmã Augusta me deu livros para eu ler, como sobre a vida de Santa Terezinha e de Santo Antônio. Eu tinha esperança de que

ainda iria me recuperar e conquistar a admiração dos meus parentes. Minhas experiências nas ruas e na fazenda tinham deixado marcas, mas eu estava decidida a lutar por um futuro melhor.

Neste capítulo “A Revolução” vou lhes contar sobre o que aconteceu na minha vida durante a Revolução. Um dia, acordei e vi as ruas cheias de soldados. Era a Revolução, e eu só conhecia a revolução das formigas, que se movem em grupo, mas dessa vez era diferente, triste e violenta, com pessoas se matando. Todo mundo falava sobre Getúlio Vargas e João Pessoa. Os tenentes estavam convocando os homens para se alistarem, e diziam que era hora de lutar pela pátria.

Os soldados estampavam bandeiras verdes, amarelas e brancas com a imagem de Getúlio. Ouvi muitos dizendo que ele era o homem que iria cuidar do Brasil e levar o país para a frente. Na casa da dona Mimi, onde eu trabalhava, o meu patrão estava satisfeito, acreditando que o estado dele estava tomando conta do Brasil.

Enquanto caminhava pelas ruas, notei que o cheiro da pomada que eu usava para as minhas pernas doentes era tão forte que os soldados não se aproximavam de mim. Eles cantavam músicas animadas, celebrando a revolução, prometendo que o Brasil iria prosperar com Getúlio. O dinheiro agora era diferente; o mil-réis foi substituído por bônus, que os soldados recebiam e usavam para comprar comida em maiores quantidades.

Eu e minha família nos ajustamos a essa nova vida, mas havia muitos problemas. Meu irmão se recusava a se alistar e ficou tão assustado que decidiu se vestir de mulher para fugir dos soldados.

Fiquei preocupada com o que poderia acontecer. Ele foi abordado, mas não foi descoberto. O clima estava tenso, e eu percebia que as pessoas estavam confusas, especialmente porque haviam votado em Júlio Prestes e esperavam pela posse dele em meio a rivalidades entre Minas e São Paulo.

As enxadas e arados estavam largados, pois a Revolução prometia transformar o Brasil de um país rural para um industrial, e muitos acreditavam que isso seria uma mudança benéfica. Getúlio prometia ajudar os operários, e a confiança das pessoas estava em alta. Eu fiquei com esperança de que um dia, quando estivesse saudável, pudesse encontrar meu lugar nesse novo Brasil em ascensão.

Mas, infelizmente, comecei a entender que, por trás de todas essas promessas, os ricos estavam se beneficiando mais. Enquanto os homens mais humildes, que eram obrigados a trabalhar sem receber o retorno justo, continuavam em suas condições difíceis. Eu sonhava com a possibilidade de ter terras para plantar e ser rica um dia.

Após meu irmão decidir não se alistar e o ambiente ficar insatisfatório, muitas mudanças se sucederam. Meu último emprego foi na casa do senhor Manuel Soares, e eu me sentia cansada de lavar, cozinhar e passar roupas para todos na família dele. Pensei: “Se eu tivesse terras, a vida seria tão diferente.” A inatividade das terras ao redor me frustrava, e percebia que as propriedades pertenciam a outros que não as estavam cultivando, e me perguntava por que não podíamos arrendá-las para trabalhar nelas.

Enquanto olhava os homens de outros estados se mudando

para São Paulo em busca de trabalho e oportunidades, eu pensava sobre as injustiças da vida. Na verdade, estava cansada de ouvir sobre o passado de escravidão e como o povo negro ainda lutava para encontrar seu lugar na sociedade.

Assim, sonhando com um futuro melhor, eu continuava a trabalhar em minha rotina e a tentar entender a complexidade do mundo ao meu redor. Com a Revolução em curso, mantinha meu desejo de um dia conquistar a liberdade e a dignidade que todos merecem. Querendo mais do que eu tinha, acreditava que dias melhores viriam.



Oi! Final de mais uma síntese! Este capítulo se intitula “As Leis da Hospitalidade” e vou contar sobre a minha aventura. Um dia, minha mãe me deu trinta mil-réis e eu pensei que poderia viajar até Ribeirão Preto para ver se conseguia me internar e ficar boa. Diziam que eu não tinha sorte ou que alguém tinha me colocado um feitiço, mas eu não acredito em coisas assim.

Sem despedidas, comprei minha passagem por vinte mil-réis e cheguei a Ribeirão às seis da tarde. Fiquei com medo da cidade grande, mas estava decidida a buscar minha felicidade. Dormi só um pouco, pois estava ansiosa. No dia seguinte, fui à Santa Casa, onde me disseram que precisava voltar em três dias. Eu não tinha onde ficar e me lembrei de que minha tia Ana morava lá. Quando a encontrei, ela estava jantando e não me ofereceu nada para comer. Eu estava com fome, mas não pude dizer nada.

Ela tinha um olhar furioso e mesmo assim foi só um pouquinho de feijão e arroz que me deu. Minha tia começou a reclamar de uma mulher que me ajudou a achar a casa dela. Enquanto isso, minhas primas se preparavam para um baile e decidiram me levar, pois não poderiam me deixar sozinha. Olhando ao redor, percebi que todos eram muito bem vestidos, e eu, malvestida, fedida – já havia dias que não tomava um banho – sentia-me como um ser à parte.

Durante o baile, as minhas pernas doíam tanto! Eu só queria que a quadrilha acabasse e a noite finalmente passasse. Quando voltei para casa, o lugar onde me ofereceram para dormir estava empoeirado, e não pude dormir bem. Nos dias seguintes, percebi que ninguém estava interessado em me ajudar e só pensavam em

dinheiro. Isso doía muito em mim.

Senti que precisava procurar emprego para não ter que pedir esmola. Pedi a minha tia para me ajudar, mas ela me mandou embora. Então fui pedindo por várias casas, mas todas me tratavam mal. Uma mulher, ao me ver, disse que eu deveria ter vergonha de pedir esmola. Fiquei triste e decidi que preferia morrer de fome a passar por aquilo novamente.

Então, comecei a me lembrar da minha infância, quando eu era feliz e tinha saúde para brincar. Os dias passaram lentamente, e eu ainda não conseguia cicatrizar minhas feridas. Foi então que decidi ir para a Santa Casa, mas também a ideia de voltar para Sacramento me atraiu. Uma freira me acolheu e me ajudou a me tratar.

Depois de um tempo, quando as feridas estavam melhores, fui transferida para outra casa para trabalhar. O empregador era bom e eu fui feliz lá, aprendendo a trabalhar e a cuidar das coisas. Mas eu sempre olhava com um pouco de inveja para as pessoas que tinham família e amor.

Finalmente, depois de um tempo, fui para Orlândia, onde conheci a Dra. Mietta e seu marido, o Dr. Manso. Eles me acolheram e trabalhei para eles. Fui bem tratada, e eles compraram vestidos novos para mim, fazendo-me sentir como uma princesa.

Por fim, decidi voltar para Sacramento. Ao chegar, fui recebida com desconfiança e desprezo pelos meus parentes, mas trouxe comigo uma nova lorota de vida e um pouco de elegância. Agora, eu não me sentia mais a gata borralheira, mas uma garota que sabia estudar, trabalhar e que tinha alguns vestidos.

E assim, eu que pensei que nunca iria ter um lar, acabei encontrando meu caminho de volta, mesmo que meu passado ainda me atingisse, eu buscava em meu coração a força para continuar.



Dona Maria me disse que eu poderia dormir no galinheiro, e comparado ao que já havia passado, não era muito ofensivo, mas foi uma noite longa e desconfortável (Jesus, 1986).

AULÃO PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE – 3º BIMESTRE

Sequência didática interdisciplinar 3: "As Lutas e o Sonho de Bitita" – 3º Bimestre

- ❖ **Público-Alvo:** Alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
- ❖ **Disciplinas Envolvidas:** Língua Portuguesa, História e Arte
- ❖ **Duração:** 3 aulas (aproximadamente 5 horas no total)

Objetivos gerais:

- ◆ Promover a reflexão crítica sobre as questões sociais, identidade, elitismo, preconceito e aceitação.
- ◆ Fomentar a criatividade dos alunos através da produção textual, artística e da dramatização.
- ◆ Desenvolver habilidades de pesquisa e análise histórica.

Materiais necessários:

- ◆ Cópias dos trechos do texto de Bitita.
- ◆ Materiais para as colagens dos murais (papéis grandes, pincéis, desenhos, canetinhas).
- ◆ Materiais para as apresentações (cartolinas, papel sulfite, canetas etc.).

Métodos de avaliação:

- ◆ Avaliação contínua das interações durante as discussões em grupo e das apresentações em aula.
- ◆ Avaliação escrita e artística dos diários, cartões e murais,

com foco na profundidade das ideias e na criatividade.

ESTRUTURA DO AULÃO

Aula 1: Contextualizando o tema

- ✓ Síntese dos capítulos 13 a 17.
- ✓ Contextualização e Produção Textual.

1. Introdução ao Tema (30 min)

- ◆ Leitura da síntese dos capítulos 13 a 17.
- ◆ Releitura dramática, feita pelos professores, dos capítulos "Retorno à Cidade", "Doméstica" e "A Doença" para criar uma conexão emocional com a história de Bitita.
- ◆ Discussão em grupo sobre as dificuldades vividas por Bitita e sua família nas transições entre a roça e a cidade:
 - a) Quais as oportunidades e desafios que ela enfrenta?
 - b) Como a vida urbana se contrasta com a vida no campo?

2. Oficina de escrita criativa (1h)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de língua portuguesa e apoio dos professores de história e arte: os alunos escreverão um diário imaginário de Bitita durante suas experiências em Ribeirão Preto e nos diferentes lugares que passou. No texto, devem expressar os sentimentos de insegurança, injustiça ou esperança.

- ♦ Objetivo: estimular a autoexpressão, empatia e reflexão sobre a marginalização.

3. Compartilhamento e criação (30 min)

- ♦ Os alunos compartilharão seus diários em duplas ou pequenos grupos, discutindo as percepções sobre a vida de Bitita e suas semelhanças ou diferenças em relação às suas próprias vidas.

Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística

Atividade sob coordenação do professor de história e apoio dos professores de língua portuguesa e arte.

1. Contexto histórico e lutas sociais (1h)

- ♦ Professor discorrerá sobre os temas:
 - - **A vida dos colonos e camponeses no Brasil.**
 - - **A Revolução de 1930 e suas consequências sociais.**
 - - **As condições de vida das empregadas domésticas.**

Após as explanações do professor, os alunos serão divididos em grupos, e cada um deles realizará uma apresentação curta, com duração máxima de 5 minutos. Durante essas apresentações, utilizarão cartazes, mapas mentais e/ou esquemas para explorar temas relacionados ao contexto da época e às lutas sociais.

- ♦ Objetivo: aprofundar o conhecimento histórico e desenvolver a habilidade de pesquisa.

2. Expressão artística: criação coletiva (1h)

- ♦ Atividade sob coordenação do professor de arte e apoio dos professores de língua portuguesa e história.
- ♦ Criar um mural coletivo (a ser exposto em uma parede de destaque) que retrate a luta e os sonhos de Bitita. Os alunos podem usar desenhos e frases inspiradoras retiradas dos diários que escreveram.
- ♦ Objetivo: avaliar a expressão artística e a colaboração entre os colegas.

3. Dramatização (1h)

- ♦ Atividade sob coordenação de todos os professores envolvidos (língua portuguesa, história e arte): em grupos, os alunos escolherão uma cena marcante das histórias que leram nesta síntese. Criarão uma pequena apresentação, incorporando elementos de encenação e *storytelling*.
- ♦ Objetivo: trabalhar a empatia e o entendimento das emoções dos personagens na narrativa.

Aula 3: Reflexão e conclusões

1. Círculo de debate (1h)

- ♦ Realizar um círculo de diálogo onde cada aluno pode

compartilhar suas aprendizagens. Como questões norteadoras aos alunos, eles podem responder às seguintes perguntas para a realização da atividade:

- ◆ Como a história de Bitita reflete as lutas e as conquistas dos negros no Brasil?
- ◆ Que lições podem ser aplicadas na nossa sociedade atual em relação à marginalização e aceitação?

2. Reflexão final e cartão de sonhos (30 min)

- ◆ Cada aluno escreverá um “Cartão de sonhos”, refletindo seus desejos e aspirações para um mundo mais justo e igualitário.
- ◆ Exposição: criar um espaço onde os cartões sejam expostos, promovendo um diálogo contínuo sobre os sonhos e esperanças de cada um.

Sugestão de atividades contextualizadas direcionadas para as disciplinas dos professores envolvidos

Questão para o professor de língua portuguesa

Considerando a narrativa de Bitita, em que ela expressa suas dificuldades e anseios por meio de sua história, como a estrutura de suas frases e a escolha de vocabulário refletem a vivência e a identidade do povo negro no contexto histórico pós-abolição?

A) Por meio de descrições poéticas e um vocabulário rebuscado, Bitita expressa uma realidade idealizada que não condiz com o sofrimento do povo negro.

B) O uso de palavras simples e diretas em suas frases enfatiza

a sinceridade e a clareza das emoções, permitindo que sua voz autêntica ressoe com a dor e a luta masculina.

C) Ela utiliza apenas termos técnicos e formais relacionados ao trabalho agrícola, o que desvincula sua história emocional do contexto da luta social.

D) Bitita adota um estilo literário complexo, repleto de metáforas, que obscurece a realidade da opressão e da pobreza vivida pelo povo negro.

E) A linguagem cotidiana e suas reflexões profundas elevam a narrativa a um nível filosófico, distorcendo as urgências das dificuldades sociais enfrentadas.

Resposta correta: B) O uso de palavras simples e diretas em suas frases enfatiza a sinceridade e a clareza das emoções, permitindo que sua voz autêntica ressoe com a dor e a luta masculina.

Essa resposta destaca como o vocabulário e a estrutura das frases na narrativa de Bitita refletem sua realidade e identidade, ao mesmo tempo em que promovem a compreensão do contexto histórico e social da população negra, contribuindo para uma educação antirracista.

Questão para o professor de história

Qual aspecto da vida de Bitita, retratado em sua infância e experiências, reflete as dificuldades enfrentadas pelos negros no Brasil pós-abolição, e como isso contribui para a compreensão da luta pela dignidade e direitos civis?

A) A vida na roça e a conexão com a terra, que simboliza a liberdade e a autossuficiência.

B) O preconceito e a discriminação que ela enfrentou ao tentar se integrar na sociedade urbana, evidenciando as dificuldades de aceitação.

C) As brigas e injustiças que observou na cidade, ilustrando a falta de respeito e a violência racial existente.

D) O trabalho árduo em situações de exploração nas fazendas e a busca por oportunidades, que demonstra a luta dos negros por melhores condições de vida.

E) Todas as alternativas acima, que juntas revelam a complexidade da vivência negra no período pós-abolição.

Resposta correta: E) Todas as alternativas acima, que juntas revelam a complexidade da vivência negra no período pós-abolição.

Essa resposta destaca como as experiências de Bitita, desde sua infância até suas vivências nas cidades e nas fazendas, refletem as nuances das lutas enfrentadas pelo povo negro no Brasil pós-abolição, ressaltando a importância de conhecer e compreender a história para promover uma educação antirracista e a luta por igualdade.

Questão para o professor de arte

Analisando a relação entre as experiências de Bitita e a importância do resgate histórico da cultura afro-brasileira, qual forma de arte poderia ser usada para fomentar a conscientização

social e a valorização das tradições culturais em um contexto pós-escravidão?

A) Danças folclóricas que representam apenas as tradições brancas e ignoram as influências africanas.

B) Histórias em quadrinhos que retratam a realidade da luta negra de forma exagerada e sem sensibilidade.

C) Artesanato que utilize elementos da cultura afro-brasileira, resgatando tradições como a confecção de objetos e vestimentas que representem a ancestralidade.

D) Esculturas que abordem temas da história da elite brasileira, sem dar voz ao povo e suas dificuldades.

E) Fotografia que se concentra exclusivamente em paisagens urbanas, sem incluir a realidade das comunidades negras.

Resposta correta: C) Artesanato que utilize elementos da cultura afro-brasileira, resgatando tradições como a confecção de objetos e vestimentas que representem a ancestralidade.

Essa resposta enfatiza a importância de valorizar e revitalizar as tradições culturais afro-brasileiras, utilizando o artesanato como uma expressão artística que conecta o passado ao presente, fortalece a identidade cultural e contribui para o reconhecimento da força e do legado do povo negro no Brasil.

Considerações finais

Esta sequência didática proporciona uma experiência rica em

multidimensionalidade, abrangendo questões sociais por meio da literatura. Os alunos serão incentivados a desenvolver um pensamento crítico, empatia e sua expressão artística, criando um ambiente de aprendizado ativo e reflexivo.



CAPÍTULOS 18 A 22 - SÍNTESE DAS HISTÓRIAS

A quarta sequência didática será elaborada a partir dos resumos dos capítulos: i. a cultura, ii. o cofre, iii. médium, iv. a patroa e v. ser cozinheira.

Boa leitura!



Olá! Este é o capítulo intitulado “A Cultura”. Eu sou a Bitita e vou contar como eu encarei a cultura e a vida ao meu redor. Eu não entendia a vaidade das pessoas que trabalhavam só para comprar roupas. Para mim, era bem mais importante economizar para ter um terreninho e construir uma casinha. Enquanto isso, eu passava os dias lendo Os Lusíadas de Camões, com o meu dicionário ao lado. Eu queria me tornar alguém mais sábio e sabia que, uma pessoa educada consegue encarar melhor as dificuldades da vida.

Minhas pernas estavam cicatrizando graças aos remédios, e eu sonhava: "Vou ficar boa e vou conhecer a cidade de São Paulo, a cidade favo de mel." Diziam que em São Paulo existia um bairro chamado Paraíso, e parecia que, lá, os pobres tinham um lugar melhor para viver. Por meio dos livros, aprendi sobre as guerras no Brasil, como a guerra dos Farrapos e a guerra do Paraguai. Essas guerras eram terríveis, e eu condenava a maneira violenta que as pessoas usavam para resolver os problemas.

Enquanto eu lia, algumas pessoas passavam, olhavam para o meu dicionário e achavam que eu estava lendo um livro de São Cipriano. Eu ria, pois quem sabe realmente se educar não se deixa levar por superstições. Mas minha mãe ficou preocupada e me aconselhou a parar de ler esses livros sentada na calçada, pois as pessoas estavam falando que eu era feiticeira.

Certa vez, um grupo de rapazes olhou o meu dicionário e disse que era pesado e que era mesmo um livro de São Cipriano. Eu tentei explicar que, para mim, a leitura era um benefício para todos. Eu só queria ter saúde para trabalhar e não ficar doente. Mas eles foram contar ao sargento que eu os xinguei de farrapo. O sargento

era compadre de minha prima Leonor e logo mandou me prender.

Assim, eu e minha mãe fomos parar na cadeia. Meu coração disparou ao ver os policiais e, mesmo sem entender o porquê, obedeci às ordens. Minha mãe ficou triste e me disse que era melhor eu ter ficado em São Paulo. Na cadeia, nós não comemos por dois dias e, no terceiro, fomos forçadas a trabalhar, carpindo a frente da cela. Meus braços doíam e minhas pernas ficaram inflamadas novamente.

O sargento interrogou-me sobre o que tinha dito. Expliquei que eu considerava a enfermidade uma batalha que me fazia sentir como um farrapo humano, e que, quando sarasse, queria trabalhar. Quando ele pegou um livro de São Cipriano para me mostrar, fiquei nervosa. E foi aí que um soldado começou a nos espancar. Minha mãe tentou me proteger, mas teve o braço fraturado, e eu estava tão machucada que não conseguia mais suportar a dor.

Depois de cinco dias de sofrimento e sem comida, finalmente, minha tia trouxe algo para nós. Eu estava tão mal que só conseguia pensar se teria companhia em qualquer lugar que fosse. Estava cansada, e a situação me deixava desorientada.

Após ser libertada com a ajuda do meu primo Paulo, as feridas inflamaram. Minha mãe não tinha como trabalhar, e nós vagamos pelas roças pedindo esmolas. Cada dia era uma luta. As pessoas na cidade começaram a proibir suas filhas de falarem comigo. Então, resolvemos deixar Sacramento e partimos para Franca.

Em Franca, minha mãe arranhou trabalho com o senhor Ignácio Calheiros, enquanto eu vagava por aí, sempre com fome.

Não tínhamos onde dormir e, às vezes, íamos passar a noite na chácara de um homem bondoso, Chicholim, que tinha sido um palhaço de circo, ele se mostrava generoso conosco. Era assim que eu via a vida, repleta de altos e baixos, mas sempre buscando algo melhor.

E foi assim que minha jornada continuou, em busca de saúde e um lugar no mundo.

Olá, leitores! Trago-lhes boas notícias! Neste capítulo “O Cofre” vou lhes contar como foram meus dias depois que consegui me tratar e sarar completamente. Minha mãe estava tão feliz, e eu também! Consegui um emprego nos Três Irmãos, trabalhando para a dona Clélia, que era uma mulher extraordinária, quase como uma atriz de cinema. Ela me pagava quarenta mil-réis por mês, e eu fazia tudo com muito capricho, não por bajulação, mas por consideração mesmo.

Para mim, trabalhar ali era como encontrar um tesouro; até um grão de arroz tinha para mim o valor de uma joia preciosa. Eu precisava rejuvenescer minha alma que estava tão triste. Quando recebi meu pagamento de vinte e cinco mil-réis, senti uma mistura de alegria e emoção, principalmente porque a outra funcionária tinha decidido voltar, dizendo que a adorava. A dona Clélia era filha de italianos e estava casada com o senhor Abdo, um sírio que falava árabe.

Com a saúde restaurada, não me faltavam oportunidades de trabalho e isso me deixava mais à vontade. Fui trabalhar na casa do senhor Emílio Bruxelas e sua mulher, a dona Zizinha, que era uma mulher séria e esforçada. Enquanto ela cozinhava, eu observava tudo

para aprender, pois sonhava em me tornar uma boa cozinheira.

Um dia, o senhor Emílio trouxe um cofre que comprou em São Paulo. Enquanto eu varria a sala, escutei a entrega dele e a senha para abrir o cofre, embora não estivesse muito focada. Ele rodou os números e guardou objetos valiosos. Ele disse que, agora, poderia sair de casa tranquilo sabendo que os ladrões não conseguiriam abrir aquele cofre.



Entretanto, depois de alguns dias, o senhor Emílio perdeu o papel com as instruções para abrir o cofre e ficou nervoso. O senhor

Jozias de Almeida sugeriu que eu poderia ter decorado o segredo. Ele veio até a cozinha e, com um olhar que me fez tremer, perguntou se eu tinha ouvido como se abria o cofre. Eu não sentia frio, mas em minha alma, tudo contestava eu mesma e a oportunidade de um futuro melhor.

Com um pouco de hesitação, respondi que sim, e ele pediu que escrevesse o que tinha ouvido. E eu me sentia tão orgulhosa, pensando: “Olha, os brancos reconhecem a minha inteligência!” Então, escrevi as instruções do cofre e entreguei para ele. Ele abriu, e eu estava tão feliz, mas ao mesmo tempo confusa quando ele me disse que eu poderia ir embora. Desconfiava de minha honestidade.

Fiquei apavorada, pois a chuva caía forte e não pude perguntar por que estava sendo expulsa. Ele me deu trinta mil-réis, mas eu não tinha guarda-chuva e logo fiquei encharcada. As ruas estavam vazias e eu não tinha para onde voltar. Quando cheguei à casa da Dolores, eu estava molhada e não queria incomodá-la. Começava então uma nova fase cheia de incertezas.

No dia seguinte, levantei para enxugar minhas roupas e procurar um novo emprego, mas com a tosse que começava a me incomodar, fui mandada embora da casa do senhor Teófilo. Pensava que logo recuperaria a saúde e viveria como uma fidalga, mas me enganei. Meus dias continuavam pesados, e meus sonhos pareciam distantes. Só queria trabalhar para cuidar da minha mãe, mas os bons empregos pareciam apenas uma miragem, ocupados por pessoas que tinham melhor aparência. Então, decidi que seria melhor procurar oportunidades fora da cidade, nas fazendas e nas casas dos fazendeiros. E assim, um novo capítulo da minha vida se

desenhava diante de mim, repleto de desafios e esperanças.

Neste capítulo intitulado “Médium” vou contar sobre minha experiência trabalhando para a dona Maria Amélia. Ela era casada com o senhor Roberto Junqueira e era uma patroa tão educada! Eu era a pajem da Nilza, a filha deles, que era uma menina bonita, mas estava doente. A dona Maria Amélia parecia triste, e eu não conseguia entender o porquê, já que ela era rica.

Logo, voltamos para a cidade e o doutor Carlos Signareli começou a cuidar da Nilza. Eu adorava a dona Maria Amélia e pensava: "Se ela não me despedir, vou ficar sempre com ela." Ela falava de maneira tão elegante e parecia uma princesa. Porém, a situação ficou crítica quando o doutor diagnosticou a Nilza com meningite. Acabei sendo despedida pela mãe da dona Maria, que disse que não gostava de mim. Quando saí daquela casa, fiz uma oração pedindo a Deus para ajudar a dona Maria Amélia, que na minha visão era digna de ser canonizada.

Em busca de trabalho, consegui um emprego numa pensão, mas não conseguia esquecer a dona Maria Amélia e a Nilza. Rezava pedindo que a menina não morresse e visitava a igreja Nossa Senhora da Conceição, suplicando aos santos por sua saúde. Mas, infelizmente, a Nilza morreu. Depois disso, eu não tinha roupas adequadas e escrevi um bilhete pedindo vestidos usados à dona Maria Amélia, que atendeu meu pedido. Fiquei tão emocionada ao vestir um dos vestidos que ela me deu, um lindo organdi amarelo com babados. Naquele momento, quis dançar de alegria.

A vida, porém, era amarga. Embora estivesse ganhando trinta mil-réis, sempre aparecia alguém que fazia o trabalho melhor

por menos. Eu me sentia cansada de ser uma andante, e como se fosse uma moeda sem valor. E não tínhamos uma casa. Alugamos um quarto na casa da dona Narcisa por cinquenta mil-réis por mês. Pagar aluguel estava sendo uma grande luta, e minha mãe começou a desconfiar que eu nunca conseguiria ajudar.

Dormíamos no chão, usando jornais como forro, e minha mãe dizia que éramos como ciganos, sempre mudando de lugar. Senti-me como um refugio, e não podíamos nem comprar o que comer. No fim do mês, não pudemos pagar o aluguel e decidimos sair antes de sermos expulsas.

A Dolores, que era uma amiga da minha mãe, encontrou um namorado e foi viver com ele, levando minha mãe junto. Chorei ao partir sozinha, e mesmo sem dinheiro, sabia que faria tudo honestamente. Cheguei à cidade e esperei a noite para entrar. Encontrei a Dolores doente, e minha mãe estava acabada de tanta luta.

Depois de um ano trabalhando e sem economizar nem cem mil-réis, eu via outros jovens ganhando sessenta mil-réis e sentia uma inveja grande. Infelizmente, adoeci e, com febre e disenteria, não conseguia ficar em pé. Enquanto estava deitada na chácara do Chicholim, ouvi alguém perguntar se havia uma mulher doente. Era o senhor Arnulfo de Lima, conhecido por ser médium e ele entrou, dizendo que seu espírito veio me pedir ajuda.

Ele trouxe um médico que aplicou uma injeção em mim. Dormi tão bem naquele colchão e ao acordar, senti meu corpo quente e que estava quase assando viva. Entrei em uma banheira com água fria, que trouxe um alívio instantâneo. Quando saí, a água

estava quente, e a doença havia desaparecido. Fiquei confusa com esse mistério, mas estava tão grata!

Obtive força e procurei emprego, sentindo como se tivesse recebido um revigorante. Era o ano de 1936 e as pessoas falavam de como estavam enriquecendo sob o governo do Getúlio. O clima era otimista e todos pareciam alegres. Os comerciantes estavam contentes com os preços fixos e os operários tinham a certeza do que fazer com seu dinheiro. E assim, apesar das lutas, um novo alvorecer se aproximava para mim.



Oi, pessoal! Neste penúltimo capítulo intitulado “A Patroa” e vou lhes contar como foi minha experiência trabalhando em uma fazenda. Fiquei muito contente quando consegui um emprego, pois na cidade não poderia trabalhar por não ter roupas adequadas. Na roça, a vida era mais simples, sem tantas complicações. Comecei a trabalhar na fazenda do senhor Nhonhô Rasa, que era surdo, mas muito educado com todos os colonos. Nessa fazenda, eu era a pajem e tinha acesso a muito leite, queijo e verduras.

As empregadas me criticavam, dizendo que eu era uma idiota por ter deixado a cidade para vir para o mato. Quando a dona da casa saía, eu ficava tomando conta das crianças. No entanto, sentia que o tempo não passava enquanto ficava sentada com uma criança nos braços. A vida era estagnada e isso me deixava descontente. Eu sonhava com uma casa e uma vida mais ajustada.

A patroa, a dona Fiica, era maravilhosa, mas eu tinha vergonha de dizer que queria ir embora. Meu desejo ardente era voltar à cidade, ir ao cinema, dançar e participar do cordão de Carnaval "Só para moer", que era do Benedito Musa. Quando pedi para entrar no cordão, ele se recusou, dizendo que não aceitava mendigos em sua equipe, o que me deixou nervosa e triste.

Sonhar em dançar ao som do jazz-band Bico Doce me fazia sentir presa, como se fosse uma pedra sem poder erguer. Com o tempo, aprendi a não reclamar das minhas situações. O patrão era amável e brincalhão com os empregados, e eu via que ele se esforçava para tratar todos bem.

Quando decidi que precisava sair, a dona Fiica quis saber o que estava me faltando. Pensei em pedir que ela comprasse roupas

para mim, mas sabia que, se ela fizesse isso, eu teria que ficar. Já estava exausta dessa vida no campo; esperava que Deus me ajudasse a ter terras para plantar e construir a vida que sonhava.

A dona Fiica me falou sobre o esforço das pessoas para libertar os negros, mas parecia que nós não valorizávamos nada. Ela e suas criadas pareciam pensar que nós éramos desorganizados por escolha. Eu vi que ela preferia criar seus filhos com conforto no campo em vez da cidade, onde teria mais despesas.

Como as cozinheiras da casa não estavam satisfeitas, eu vi uma delas sempre prometendo que, no dia seguinte, diria que queria ir embora, mas nada mudava. Algo me dizia que a dona Fiica deveria ter feito um ótimo curso para ser patroa. Quando ela foi à cidade, levou-me de carro e disse que poderia me deixar ir a pé, mas tinha pena de me magoar.

Recebi meu pagamento, e, ao dividir o dinheiro com minha mãe, fiquei envergonhada de dar apenas vinte mil-réis. Olhando para o dinheiro, percebi como ele dominava nossas vidas: quem tinha o suficiente era forte e respeitado, enquanto os que não tinham eram desconsiderados e fracos. Eu só conseguia comer quando estava empregada, o que me fez perceber que precisava urgentemente de um emprego na cidade para ter uma vida mais digna. E assim, continuava sonhando com uma vida melhor, mesmo trabalhando em uma situação simples e difícil.

Parabéns! Vocês estão prestes a finalizar a leitura do livro literário “Diário de Bitita”. Neste último capítulo “Ser Cozinheira” quero lhes contar sobre minha experiência como cozinheira. Tive sorte quando consegui um emprego em uma casa rica, e ao entrar

naquele palacete suntuoso, sonhei em morar em um lugar assim e ser dona da casa. Minha mãe queria que eu arranjasse dinheiro para ela voltar para Sacramento, mas pediu que eu não voltasse para lá, temendo que eu me envolvesse em qualquer outra confusão. Meu objetivo era conseguir cinquenta mil-réis, e ganhando sessenta por mês, eu realizaria meu sonho.

No meu primeiro dia, o patrão reclamou da comida, dizendo que não estava saborosa o suficiente. Fiquei alarmada, pois queria ser uma boa cozinheira, mas percebi que não tinha a prática necessária. A patroa me pressionava, pedindo que eu trabalhasse mais rápido, e eu, assustada, até matei um frango, mas não consegui cortar direito. Depois disso, ouvi insultos dela, como “ordinária” e “nojenta”, e fiquei com medo.

Quando o filho da patroa chegou, defendendo-me ao notar como sua mãe me tratava mal, eu pensei que aquele teria sido o motivo do meu despedimento. Após deixar a casa, não sabia para onde ir, então procurei a Maria Vaca-brava, que às vezes dividia seu dinheiro comigo. Mesmo ela, sendo antipática e criticando minha situação, acolheu-me. Lamentava minha vida ali, desgostosa do cheiro de cachaça e cigarros.

Após sair da casa da Maria, prometi que me tornaria uma boa cozinheira. Fui à Santa Casa, onde precisava de uma cozinheira, e a irmã que me recebeu aceitou, pedindo referências. Eu estava ansiosa, mas a irmã Irinéia foi gentil, e comecei a trabalhar e dormir lá. A cozinha estava sempre limpa, e eu estava animada ao receber elogios pelo meu trabalho. Após várias refeições bem-sucedidas, percebi que minha vida estava melhorando e que poderia ganhar até

oitenta mil-réis por mês.

A irmã Irinéia me ajudou a aprender novas receitas e a desenvolver minhas habilidades na cozinha. Apreciava o que fazia e começou a engordar devido à boa alimentação. O ambiente tornou-se confortável e o trabalho não era mais cansativo. Aprendi a importância de ser organizada e dedicada; compreendi que eu precisava mudar minha atitude.



Um dia, conversei com a irmã Irinéia, que elogiou minha antecessora, que estava presa por roubo. A irmã sempre me fazia

perguntas, e, embora sentisse que estava em um duelo, eu não me deixava abalar. Fiquei feliz ao saber que minha cidade falava sobre meu ordenado, que era significativo.

Depois de um tempo, minha mãe voltou para Sacramento, eu lhe enviei cinquenta mil-réis e fiquei com trinta mil-réis para mim. Tinha a impressão de estar rica, sonhando em comprar um palacete e roupas finas, mas logo percebi que precisava viver dentro das minhas posses, buscando um estilo de vida mais realista sem ostentação. Passei a fazer essa mudança e pedi autorização para sair um dia para comprar um vestido, que me deixou muito feliz.

Com meu novo vestido, pensei em como seria excelente usá-lo em um baile ou para sair. Um dia, despreocupada, comecei a dançar pela cozinha. No entanto, me deparei com a irmã Irinéia me observando, e voltei aos meus afazeres.

Em um domingo, fui visitar a Dolores, que estava doente. Ela me contou sobre a antiga visita da polícia a nossa família e fiquei preocupada, pensando em como eles eram analfabetos e como isso dificultava suas vidas. Respondi a carta da minha mãe pedindo para não lhe escrever e mencionei que muitas injustiças aconteciam no mundo. Apesar da luta, eu continuava decidida a aprender a reagir ao que acontecia.

Depois de trabalhar três meses para a dona Salima, percebi que ela não estava me pagando o que merecia. Quando finalmente pedi o que era justo, recebi apenas uma pequena quantia. Eu chorei, pois esforçava para cuidar da casa e do quintal como se fossem meus. Ao perceber que precisava de um trabalho melhor, procurei uma nova oportunidade que me levasse a São Paulo.

Um dia, através de uma indicação, soube que uma professora estava buscando alguém para trabalhar em sua casa em São Paulo. Com alegria, preparei minhas coisas e decidi que não avisaria a dona Salima sobre minha saída, pois já havia sido despedida.

Embarquei para São Paulo com esperança e disposição. Ao chegar, fiquei deslumbrada com a cidade, sabendo que era o centro do Brasil e um lugar de oportunidades. Minha mente e meu coração estavam repletos de agradecimento a Deus, determinada a encontrar meios para comprar uma casinha e ter uma vida tranquila. Fim!



AULÃO PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE – 4º BIMESTRE

Sequência Didática Interdisciplinar 4: "As Lutas e Sonhos de Bitita" – 4º Bimestre

- ❖ **Público-Alvo:** Alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
- ❖ **Disciplinas Envolvidas:** Língua Portuguesa, História e Arte
- ❖ **Duração:** 3 a 4 aulas (aproximadamente 6-8 horas no total)

Objetivos gerais:

- ◆ Promover a reflexão crítica sobre questões sociais como identidade, desigualdade, educação e a busca de dignidade.
- ◆ Fomentar a criatividade dos alunos através da produção textual, artística e dramatização.
- ◆ Desenvolver habilidades de pesquisa e análise histórica e literária.

Materiais necessários:

- ◆ Cópias dos capítulos lidos.
- ◆ Materiais para as apresentações (cartolina, papel sulfite, canetas, tintas, papéis grandes).
- ◆ Material para a ação social (caixas para coleta de doativos).

Método de avaliação:

- ◆ Avaliação contínua da participação em discussões e atividades.
- ◆ Avaliação dos trabalhos escritos, artísticos e das

apresentações, focando na profundidade das ideias e na criatividade.

ESTRUTURA DO AULÃO

Aula 1: Contextualizando o tema

- ✓ Síntese dos capítulos 18 a 22.
- ✓ Contextualização e Produção Textual.

1. Introdução ao tema (30 min)

- ◆ Leitura da síntese dos capítulos 18 a 22.
- ◆ Leitura dramática dos capítulos “A Cultura”, “O Cofre” e “Médium”. Professores encenam diferentes partes, trazendo à vida as emoções e os desafios experimentados por Bitita.
- ◆ Discussão em grupo sobre quais valores e sonhos são abordados na narrativa:
- ◆ Como a educação é tratada na vida de Bitita?
- ◆ Quais as dificuldades enfrentadas quando se muda para a cidade e como isso se relaciona com as experiências dos alunos?

2. Oficina de escrita criativa (1h)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de língua portuguesa e apoio dos professores de história e arte: os alunos escreverão uma carta à Bitita, oferecendo-lhe conselhos sobre como lidar com as dificuldades que ela

enfrenta.

- ♦ Objetivo: estimular a empatia e a reflexão sobre seus próprios desafios em relação ao aprendizado e crescimento.

3. Desenvolvimento de poemas (30 min)

- ♦ Inspirados pela poesia de Bitita e pelos sentimentos expressos, os alunos poderão criar seus próprios poemas sobre a luta por um futuro melhor e a busca por uma situação digna.
- ♦ Compartilhar os versos em pequenos grupos para gerar uma troca de ideias e sentimentos.

Aula 2: Pesquisa histórica e expressão artística

1. Pesquisa Histórica (1h)

Atividade sob coordenação do professor de história e apoio dos professores de língua portuguesa e arte.

Contexto histórico, político e lutas sociais

- ♦ A Revolução de 1930 e suas consequências sociais.
- ♦ As mudanças na vida dos trabalhadores e a industrialização.
- ♦ O papel da mulher na sociedade nesta época.

Após as explanações do professor, os alunos serão divididos em grupos, e cada um deles realizará uma apresentação curta, com duração máxima de 5 minutos. Durante essas apresentações, os grupos poderão utilizar cartazes, mapas mentais e/ou esquemas para explorar temas discutidos relacionados aos fatos históricos,

políticos e sociais da época. Apresentação das atividades em cartazes, promovendo uma aprendizagem colaborativa e interdisciplinar.

2. Expressão artística: criação de mural (1h)

- ◆ Atividade sob coordenação do professor de arte e apoio dos professores de língua portuguesa e história: em grupos, retextualizar a síntese dos capítulos 18 a 22 em uma história em quadrinhos que represente os valores e sonhos de Bitita.
- ◆ Articular os elementos da atividade de história realizada com a construção artística, conectando fatos históricos a expressões culturais e individuais.

3. Dramatização (1h)

- ◆ Atividade sob coordenação de todos os professores envolvidos (língua portuguesa, história e arte): os grupos decidirão por uma cena marcante da leitura que gostariam de dramatizar (exemplo: a prisão de Bitita, o trabalho nas fazendas ou a reação da protagonista em relação ao cofre).
- ◆ Apresentação das cenas para a turma, promovendo a compreensão das emoções e desafios enfrentados pelos personagens.

Aula 3: reflexão coletiva e inclusão social

1. Círculo de debate (1h)

- ◆ Realizar um círculo de diálogo onde cada aluno pode

compartilhar os aprendizados obtidos.

Questões de reflexão podem incluir:

- Como seria a vida de Bitita se ela tivesse acesso pleno à educação?
- Qual é a importância da solidariedade e do apoio mútuo nas histórias que lemos?
- Exploração da relação entre os alunos e a diversidade de experiências nas suas próprias vidas.

2. Atividade de inclusão social (1h)

Planejamento de uma ação social, como a coleta de alimentos ou roupas para doação a instituições locais que ajudam pessoas carentes.

- ◆ Discussão sobre a importância de agir de forma solidária e como isso se relaciona com os valores que Bitita expressa em suas histórias.

Aula 4: Conclusão e mensagem de esperança

1. Mensagem de esperança (30 min)

- ◆ Reflexão sobre o que os alunos aprenderam com a história de Bitita e quais passos podem tomar para construir um futuro melhor.
- ◆ Disponibilizar papel e canetas para que cada aluno escreva uma mensagem com suas esperanças e desejos para o futuro pessoal e coletivo, que posterior será lido

em um círculo de partilha.

2. Avaliação e reflexão final (30 min)

- ♦ Avaliação contínua das interações, participação e discussões ao longo do processo.
- ♦ Conversa final sobre o que foi mais impactante nas aulas, incentivando os alunos a expressarem suas opiniões sobre a jornada de Bitita e sua relevância contemporânea.

Considerações finais

Esta sequência didática possibilita um mergulho profundo na vida de Bitita, conectando sua história a temas sociais e culturais relevantes, estimulando a criatividade e a empatia dos alunos. A proposta oferece um espaço rico para reflexões e ações que podem modificar suas perspectivas e engajamento social.



CULMINÂNCIA DO PROJETO “CAMINHOS DE BITITA DECIFRADOS PELA LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA E ARTE” DURANTE A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Para concluir a atividade proposta sobre a Lei 10.639/03, sugerimos realizar uma semana especial na escola, a ser celebrada na semana do dia 20 de novembro, que marca o Dia da Consciência Negra. Esta semana deverá ser pensada como uma verdadeira

imersão na cultura e história afro-brasileira, sendo uma oportunidade para todos os alunos da escola vivenciarem e celebrarem a riqueza cultural, as conquistas e as lutas do povo negro.

Durante essa semana, os alunos terão a chance de mostrar, por meio de apresentações artísticas, exposições de trabalho e outras atividades, tudo o que foi desenvolvido ao longo do ano letivo, abordando temas como o racismo, a valorização da cultura negra, e a história e a contribuição dos negros para a formação do Brasil. Além disso, será um momento de reflexão sobre os avanços e desafios ainda presentes na luta por igualdade racial e social.

Entre as atividades sugeridas para a culminância, a escola pode organizar uma **exposição de trabalhos**, que pode incluir painéis, cartazes, vídeos, redações, poemas, músicas e outras produções que os alunos desenvolveram ao longo do ano letivo sobre o conteúdo trabalhado. Cada turma poderá apresentar seus aprendizados de uma maneira criativa, como forma de mostrar sua compreensão sobre a importância da Lei 10.639/03 e sua aplicação no cotidiano escolar e social.

Além da exposição, a culminância pode contar com a preparação de **pratos típicos da cultura negra**, promovendo uma verdadeira experiência sensorial e cultural para todos os envolvidos. Os alunos, sob a orientação dos professores, poderão aprender a preparar e degustar pratos tradicionais como **feijoada**, **canjica**, **mingunzá (mingau de milho verde)**, entre outros. Estes pratos são representações simbólicas da culinária afro-brasileira e refletem a influência da cultura negra na alimentação e nas tradições brasileiras.

Para complementar essa vivência cultural, a escola pode organizar atividades lúdicas e educativas, como **brincadeiras tradicionais africanas**, que ajudarão os alunos a entender as práticas culturais e de resistência do povo negro. Brincadeiras como a **cabra-cega**, **queimada**, e outras típicas de diversas regiões africanas podem ser recriadas de forma divertida, promovendo o aprendizado sobre o passado e a importância dessas manifestações para a preservação das raízes culturais.

Além disso, pode-se incluir na semana atividades que abordem **penteados afros** simbolizando a beleza e a identidade da mulher negra. Workshops de penteado, em que os alunos possam aprender e valorizar as técnicas de cuidados com os cabelos crespos e afros, também são uma excelente forma de envolver os estudantes com a autoestima e a afirmação da identidade negra.

Por fim, essa semana de novembro deve ser um espaço de celebração e também de reflexão sobre a **luta e a resistência do povo negro**, suas conquistas e desafios. Ao final do evento, pode-se realizar uma roda de conversa entre alunos, professores e convidados, para debater como as atividades realizadas, durante a semana e ao longo do ano letivo, contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa.

Essa atividade não só culmina o aprendizado sobre a Lei 10.639/03, mas também fortalece o compromisso da escola com a educação antirracista e a promoção de um ambiente inclusivo e respeitoso para todos.

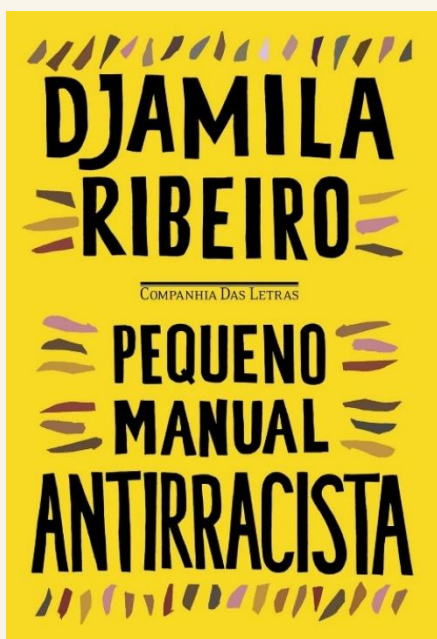


OBRAS PARA AUXILIAR O PROFESSOR EM SALA DE AULA NA LUTA ANTIRRACISTA

Nesta seção, o professor encontrará obras que poderão auxiliá-lo na caminhada antirracista em sala de aula.

LIVROS

Pequeno Manual Antirracista



Autora: Djamila Ribeiro

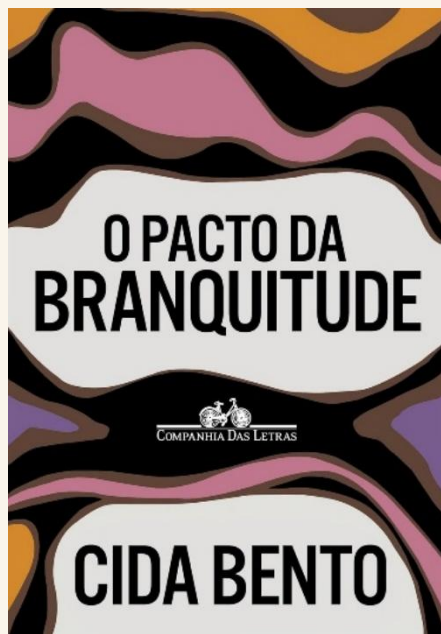
Data da publicação: 6 novembro 2019

Editora: Companhia das Letras
Neste pequeno manual, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro trata de temas como atualidade do racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos.

Link de acesso:

<https://www.amazon.com.br/Pequeno-manual-antirracista-Djamila-Ribeiro/dp/8535932879>

O pacto da Branquitude



Autora: Cida Bento

Autora: Djamila Ribeiro

Data da publicação: 21 março 2022

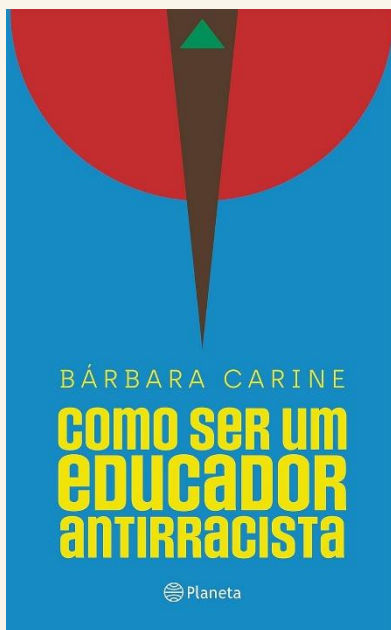
Editora: Companhia das Letras

A autora denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais. Diante de dezenas de recusas em

processos seletivos, Cida Bento identificou um padrão: por mais qualificada que fosse, ela nunca seria escolhida para as vagas. O mesmo ocorria com seus irmãos. Por outro lado, pessoas brancas com currículos equivalentes – quando não inferiores – eram contratadas. A esse processo ela deu o nome de “pacto narcisístico da branquitude”

Link de acesso: <https://www.amazon.com.br/pacto-branquitude-Cida-Bento/dp/6559212327>

Como Ser um Educador Antirracista



Autora: Bárbara Carine Pinheiro

Data da publicação: 24 março 2023

Editora: Planeta

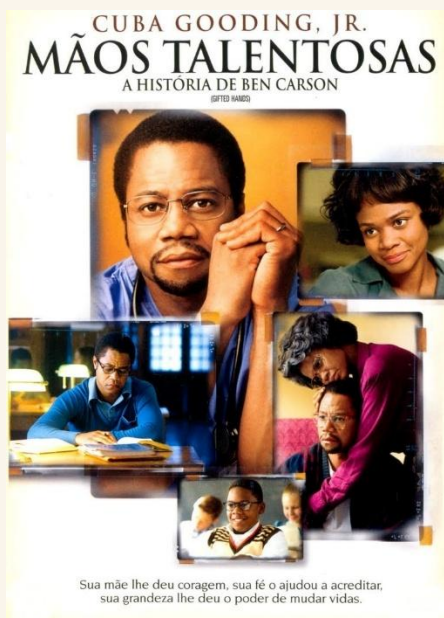
Em *Como ser um educador antirracista*, Bárbara Carine discute sobre como a educação e a escola podem ser pensadas a partir de perspectivas não ocidentalizadas e, sobretudo, racializadas.

Link de acesso:

<https://www.amazon.com.br/Como-ser-educador-antirracista-professores-ebook/dp/B0BXF9X8LR>

FILMES E CURTA-METRAGEM ANTIRRACISTAS

Mãos Talentosas – a história de Ben Carson



Data de lançamento: 7 de fevereiro de 2009

Diretor: Thomas Carter

Duração: 1h 30m

Gêneros: Drama, Documentário, Melodrama

Disponível: Netflix, Amazon Prime, Google Play Filmes e TV, Apple TV.

O drama conta como o garoto enfrenta os problemas de sua infância, crescendo em meio a uma família desestruturada, pobreza e preconceito enquanto tenta melhorar suas notas e controlar seu temperamento ao seguir o sonho de ser um médico. Já adulto, assume a chefia do departamento de neurocirurgia em um dos maiores hospitais dos Estados Unidos, tentando equilibrar os problemas familiares com os casos complexos a serem resolvidos.

Estrelas Além do Tempo



Data de lançamento: 2 de fevereiro de 2017.

Diretor: Theodore Melfi

Duração: 2h 7m

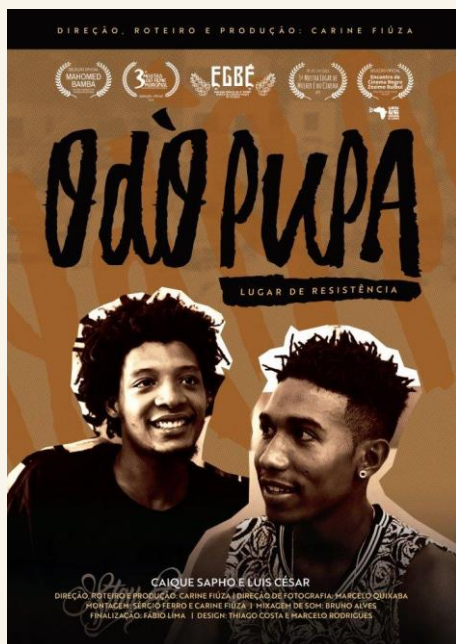
Gêneros: Drama

Disponível: Disney+, Google Play Filmes e TV.

No auge da corrida espacial travada entre Estados Unidos e Rússia durante a guerra fria, uma equipe de cientistas da NASA, formada

exclusivamente por mulheres afro-americanas, provou ser o elemento crucial que faltava na equação para a vitória dos Estados Unidos, liderando uma das maiores operações tecnológicas registradas na história Americana.

Odô Pupa: lugar de resistência



Data de lançamento: 2018.

Diretora: Carine Fiúza

Duração: 13m 45s

Gêneros: Documentário,
Curta

Disponível: Aruanda Play.

Narra as histórias entrelaçadas de dois jovens negros que, na contramão das estatísticas e estereótipos, travam batalhas diárias pela sua sobrevivência marcada

pelo racismo estrutural.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Produto Educacional apresentado, intitulado “Caminhos de Bitita decifrados pela Língua Portuguesa, História e Arte”, é um material didático desenvolvido a partir da dissertação de mestrado **“Os 20 anos da Lei 10.639/03: uma proposta de implementação de uma educação literária antirracista em uma escola de Pires do Rio – GO”**. Este trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação

Básica do Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí. O *e-book* antirracista é estruturado em 04 (quatro) sequências didáticas – uma para cada bimestre letivo – planejadas para serem trabalhadas de forma integrada e interdisciplinar, conforme previsto na referida lei. Essas sequências são destinadas a professores de língua portuguesa, história e arte e serão aplicadas durante os quatro bimestres letivos para alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de um CEPI do Sudoeste de Goiás, onde observamos uma clara necessidade de aulas e atividades antirracistas que sejam abordadas de maneira integrada conforme orienta a Lei 10.639/03.

Este *e-book* visa minimizar esse problema ao sugerir que professores das disciplinas de língua portuguesa, história e arte trabalhem de modo coletivo em prol da lei retromencionada, que é obrigatória em todos os níveis de ensino da educação básica. As três disciplinas foram escolhidas por sua complementaridade no desenvolvimento do pensamento crítico: a língua portuguesa permite a análise discursiva e a valorização das vozes silenciadas; a história contextualiza os processos sociais e políticos ligados ao racismo estrutural; e a arte potencializa a expressão da identidade e da cultura afro-brasileira de forma sensível e criativa. As turmas mencionadas foram selecionadas por já possuírem uma base prévia sobre o tema da escravidão e suas consequências, o que possibilita um aprofundamento mais significativo sobre a temática étnico-racial. Todavia, queremos mostrar essa história por outro ângulo: por meio da literatura, que foi escrita por uma neta de ex-escravizado, a qual retrata vivências que não são contadas nos documentos oficiais que circundam na escola e na sala de aula. Por isso, o material

apresentado objetiva a ampliação do conhecimento docente no que diz respeito à escravidão e ao período pós-abolicionista.

A linguagem utilizada no *e-book* é clara e objetiva, e as aulas são organizadas em sínteses dos capítulos da obra, agrupadas de maneira a serem o mais didático possível. O material apresenta a estrutura de aulões, com no máximo três aulas/momentos por bimestre, detalhando o tempo previsto para cada atividade, os objetivos a serem alcançados, as atividades a serem desenvolvidas, além de identificar o professor responsável por cada turno do aulão e os professores auxiliares que atuarão em sala de aula. Essa abordagem criativa e sequencial visa facilitar a compreensão e melhorar a aplicabilidade da prática pedagógica.

Esperamos, por fim, que o Produto Educacional se torne efetivo e facilite a aplicação da Lei 10.639/03 na escola que foi o *lócus* da nossa pesquisa, bem como em outros espaços pedagógicos que entendam que a lei não precisa nem pode ser trabalhada apenas em datas específicas – especialmente aquelas que remetem à luta do povo negro, a exemplo do dia 20 de novembro – nem isoladamente por uma única disciplina, como vemos hodiernamente.



REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ESTRELAS além do tempo. Direção de Theodore Melfi. Los Angeles: 20th Century Fox, 2016. 1 vídeo. (127 min.).

FARIAS, Tom. Quem foi Carolina Maria de Jesus?. 2018. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo Canal Curta!. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU. Acesso em: 10 mar. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEI Áurea: conheça os antecedentes da lei que proibiu a escravidão no país. 2018. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Senado Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj1yjc6xfJY>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MÃOS talentosas: a história de Bem Carson. Direção: Tomás Carter. Produção de: David A. Rosemont. Estados Unidos: Sony Pictures, 2009. 1 vídeo. (90 min.).

O MITO da Princesa Isabel: as causas defendidas pela monarca | Consciência Negra. 2022. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnuHehiS03o>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ODÔ Pupa – lugar de resistência. Direção: Carine Fiúza. Produção de: Carine Fiúza. Campina Grande: 2018. 1 vídeo. (13min 48 seg.).

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador**

antirracista. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Daniel Neves. Revolta Paulista de 1924. **Mundo Educação**. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolta-paulista-de-1924.htm>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SOARES, Marilene. **Como ficou a vida dos ex-escravos após a lei áurea?**. 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Professora Marilene Soares. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=uq84KQAgV2Y>. Acesso em: 29 mar. 2025.



SOBRE A AUTORA E O ORIENTADOR



**Simone Aparecida Fonseca Alves
(autora)**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica - PPGENEB pelo Instituto Federal Goiano – IG Goiano (2023 - 2025). Graduação em Letras Português - Inglês pela Universidade do Estado de Goiás UEG (2003). Professora de Língua Portuguesa no Colégio Dinâmico (rede privada de ensino) e Professora Efetiva pela Secretaria Estadual de Educação - SEDUC/GO no Colégio Estadual Martins Borges em Pires do Rio/GO.

E-mail para contato: si.fonseca@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0804704954707838>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3118-7553>



Daniel Valério Martins (orientador)

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán (UIIM), Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca (USAL), Doutor em Educação pela Universidade de Burgos (UBU), Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca (USAL). Professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) da

Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal

da Grande Dourados (UFGD), professor permanente no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica (PPGENEB) do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Professor visitante no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) e Pesquisador CNPq.

E-mail para contato: jjfadelino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

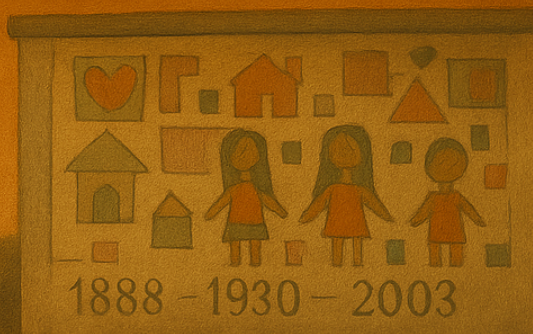
CAROLINA MARIA DE JESUS



identidade

esperança

resistência



Da infância à luta, dos sonhos à resistência:
Bitita caminha conosco para que cada sala de
aula possa ser um espaço de memória,
esperança e transformação.